



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE TEATRO

TÁSSIA OLIVA DE SOUZA ANUNCIAÇÃO

**O TEATRO ATHENEU E SUAS MEMÓRIAS: PALCO-CASA DA ARTE EM  
ARACAJU- SERGIPE**

SÃO CRISTÓVÃO - SERGIPE  
2019

TÁSSIA OLIVA DE SOUZA ANUNCIAÇÃO

**O TEATRO ATHENEU E SUAS MEMÓRIAS: PALCO-CASA DA ARTE EM  
ARACAJU- SERGIPE**

Monografia submetida ao Departamento de Teatro da Universidade Federal de Sergipe, em cumprimento parcial ao requisito para obtenção do grau de licenciado em Teatro.

Orientador: Professor Dr. Gerson Praxedes Silva

SÃO CRISTÓVÃO - SERGIPE

2019

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**TÁSSIA OLIVA DE SOUZA ANUNCIAÇÃO**

### **O TEATRO ATHENEU E SUAS MEMÓRIAS: PALCO-CASA DA ARTE EM ARACAJU- SERGIPE**

Monografia de conclusão de curso apresentada como requisito parcial para  
obtenção do grau Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Sergipe.

DATA DA APROVAÇÃO \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA:

---

**PROFESSOR DR. GERSON PRAXEDES SILVA ORIENTADOR**

---

**PROFESSORA DRA. MAICYRA TELES LEÃO E SILVA 1º EXAMINADOR**

---

**PROFESSORA DRA. CHRISTINE ARNDT DE SANTANA 2º EXAMINADOR**

**SÃO CRISTÓVÃO - SE**

**2019**

## AGRADECIMENTOS

Este é um trabalho feito a muitas mãos. Mãos que me apoiaram, me orientaram, me suportaram nos momentos de dificuldades, mãos que me abriram suas memórias e seus corações. Se foram minhas as mãos que o materializaram no papel, pouco importa. Importa a gratidão que tenho por cada um que dele fez parte e que esteve ao meu lado nessa trajetória.

Agradeço primeiramente a Deus, por ter colocado o Teatro no meu caminho. Através dele, construí uma nova visão de mundo, oxigenei os meus dias e me tornei uma Tássia por quem tenho muito mais apreço;

Agradeço à minha mãe, que desde cedo me ensinou a valorizar a arte e a cultura sergipana. Se o Atheneu, o Cultart, o Conservatório de Música e a própria UFS fazem parte das minhas memórias desde a infância, é porque ela me levou, abriu portas aos meus sonhos e dividiu comigo um pouquinho do seu imenso amor e respeito pela educação, acima de tudo. Ser filha de um ícone é uma responsabilidade imensa, e eu espero que esse trabalho possa honrar pelo menos um pouco do nome que ela construiu;

Ao meu marido, Felipe, que esteve sempre ao meu lado, me apoiando e estimulando em todas as situações. Diante de tantas emoções e mudanças que o Teatro trouxe para a minha vida, uma certeza sempre existiu: você;

Ao meu pai, Fernando, que me ensinou que os sonhos devem vir em primeiro lugar e sempre falou com orgulho da filha “gauche” que queria ser atriz;

À minha irmã Tamar, o abrigo físico e emocional fundamental para que eu pudesse me aventurar pelos caminhos do Teatro;

Ao meu filho, Théo, que ainda na barriga foi o grande estímulo para que eu tivesse força e coragem para terminar esse trabalho em tempo hábil. Te espero pra irmos juntos ao Teatro, filho!

Ao meu orientador, professor Gerson Praxedes, pela generosidade, paciência, compreensão e acolhida;

Aos queridos professores do curso de Licenciatura em Teatro da UFS. A intensidade desse curso fez com que trocássemos muito mais do que conhecimentos e regras acadêmicas. Sou muito grata por tudo que aprendi e vivenciei com vocês. Agradeço especialmente à professora Christine, pelos incontáveis incentivos e pela

credibilidade em mim depositada, e ao professor Celso Junior, por ser inspiração para a professora de Teatro que eu gostaria de ser;

Às personalidades que contribuíram com os seus depoimentos para este trabalho, me abrindo suas casas e seus corações. Em nome da professora Aglaé Fontes, unanimidade entre todos, agradeço a cada um;

A Jorge Lins e Lindemberg Monteiro, que acompanharam e estimularam os meus primeiros passos no desafiador universo das artes;

Não poderia encerrar esses agradecimentos sem mencionar os colegas do curso de Licenciatura em Teatro da UFS. De modo muito especial, agradeço à turma de 2013, que fez dessa jornada uma deliciosa experiência de carinho, amizade e companheirismo;

A todos que, de alguma maneira, colaboraram para que este trabalho se tornasse possível, seja indicando nomes para os depoimentos, seja me recebendo nas instituições de pesquisa. Faço do esforço empenhado na elaboração das próximas páginas, o meu muito obrigada.

## SUMÁRIO

**Lista de Figuras**

**Resumo**

**Abstract**

<b>Introdução .....</b>	<b>10</b>
<b>Capítulo 1: Teatro e a cidade: A vida cultural na Aracaju antiga.....</b>	<b>14</b>
<b>Capítulo 2: De auditório a Teatro: O Atheneu.....</b>	<b>25</b>
<b>Capítulo 3: O Teatro Atheneu .....</b>	<b>39</b>
<b>Capítulo 4: O Atheneu em nossas memórias .....</b>	<b>57</b>
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>65</b>
<b>Referências .....</b>	<b>68</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>73</b>

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Notícia da apresentação de Bidú Sayão no Cine Teatro Rio Branco

Figura 2 – Projeto do que viria a ser o Theatro São Cristóvão

Figura 3 – Fila na porta do Cine- Teatro Rio Branco

Figura 4 – Apresentação do espetáculo Recital Sem Opus

Figura 5 – Convite para a inauguração do Auditório-Teatro do Colégio Estadual de Sergipe

Figura 6 – Discurso de Thétis Nunes na inauguração do Auditório-Teatro do Colégio de Sergipe

Figura 7 – Plateia na inauguração do Auditório- Teatro do Colégio de Sergipe

Figura 8 – Cartaz publicitário da Orquestra de Câmara de Praga

Figura 9 – Antônio Rocha e Tereza Prado em “Chuva”

Figura 10 – Encarte do espetáculo “O Auto da Compadecida”

Figura 11 – Nota em jornal sobre apresentação do TECES

Figura 12 – Plateia e mezanino do Auditório do Colégio Atheneu Sergipense

Figura 13 – Recorte do Jornal A Tribuna

Figura 14 – Recorte do jornal Tribuna de Aracaju, 12 de março de 1985

Figura 15 – Recorte do Jornal da Cidade

Figura 16 – Recorte do Jornal de Sergipe, 09 de maio de 1985

Figura 17 – Recorte do jornal Folha da Praia, 11 a 18 de maio de 1985

Figura 18 – Recorte do jornal A Tribuna de 13 de fevereiro de 1985

Figura 19 – Recorte do Jornal da Manhã de 18 de novembro de 1986

Figura 20 – Jornal de Sergipe de 28 e 29 de agosto de 1988

Figura 21 – Recorte do jornal Video Arte News de agosto de 1988

Figura 22 – Recorte do relatório “Nos Caminhos da Cultura”

Figura 23 – Recorte do Jornal O que de 20 a 26 de maio de 1989

Figura 24 – Teatro Atheneu na noite de reinauguração

Figura 25 – Autoridades na inauguração do Teatro Atheneu

Figura 26- Capa e contracapa da cartilha em comemoração aos 50 anos do Teatro Atheneu

Figura 27- Folder da apresentação da ORSSE na noite de 50 anos do Teatro

Figura 28- Relação de empregados do Teatro Atheneu

Figura 29- Cartaz publicitário da comédia O Anjo Safado, 2012

## RESUMO

A presente monografia aborda a história do Teatro Atheneu, desde os caminhos que levaram à sua concepção, ainda como Auditório do Colégio de Sergipe, até os dias atuais, passando por fases áureas e por momentos cujo declínio estrutural obrigou o seu fechamento para reformas. Em se tratando da casa de espetáculos mais antiga ainda em funcionamento no estado de Sergipe, o Atheneu é considerado por muitos como a tradicional casa do artista sergipano, mas por ele também passaram artistas de renome nacional e internacional. A importância desta casa, no entanto, não se fez acompanhada pelo devido cuidado com a sua memória, dificultando o conhecimento dos acontecimentos que compõem a sua história. Elencando memórias que advém de documentos escritos e depoimentos orais colhidos de personalidades cujas memórias se ambientam naquele espaço, este trabalho pretende dar visibilidade à história do Teatro Atheneu, protegendo suas lembranças do esquecimento e servindo como base para futuras pesquisas que venham a valorizar ainda mais o patrimônio cultural sergipano.

**Palavras-chave:** Teatro Atheneu, Teatro Sergipano, Cultura Sergipana, História do Teatro, História Oral



## ABSTRACT

This research deals with the history of the Teatro Atheneu, from the paths that led to its conception, then as Auditório do Colégio de Sergipe, up to the present day, passing through golden phases and moments whose structural decline forced its closure for refurbishments. Being the most antique theater still in operation in the State of Sergipe, the Atheneu is considered by many to be the traditional house of the sergipano artist, but artists of national and international renown have also been there. Nevertheless, there was not enough care with the memory of this theater, in terms of registering, which difficulties the knowledge of its history. Gathering memories that come from written documents and oral testimonies collected from personalities whose memories take place in that space, this work aims to give visibility to the history of this Theater, protecting its memories from oblivion and serving as a basis for future research that will further enhance even more the cultural heritage of Sergipe.

**Keywords:** Teatro Atheneu, Teatro Sergipano, Sergipe Culture, History of Theater, Oral History

## INTRODUÇÃO

Ao se tentar contar a história do teatro de um país, quantas histórias ficam para trás? Que interesses são destacados em detrimento de outros? Quantos personagens do mundo da ficção, e mesmo da vida real, são esquecidos? Quantos enredos deixam de ser narrados?

No Brasil, o estudo da história do teatro está mais centrado na dramaturgia, em geral, tratando o teatro como parte da literatura, embora a encenação defenda a sua autonomia há pelo menos cem anos. Além disso, existe uma tendência a generalizar como história do teatro brasileiro aquela que se passa nos grandes centros (mais precisamente, Rio de Janeiro e São Paulo), especialmente devido ao maior poder de divulgação, dada a força dos seus veículos de comunicação. Muito pouco se sabe, ainda, sobre as particularidades de outros estados: seus grupos, tradições, espaços cênicos, curiosidades, etc. (PATRIOTA, 2005).

No livro “Teatros - uma memória do espaço cênico no Brasil”, J.C. SERRONI (2002) cataloga e levanta um histórico das principais casas de espetáculos do país. Em um dos depoimentos colhidos para o catálogo, a atriz Fernanda Montenegro lhe afirmou ser “fundamental conhecer não somente o homem de teatro, mas também o espaço em que esse homem vive” (p. 15). Ela também teria argumentado que “cuidando da memória do teatro, cuidamos de uma parte muito representativa da cultura brasileira” (p.15).

Neste livro, Sergipe encontra-se representado pelo Teatro Atheneu. A sua inserção ali, ainda que através de breves informações, conduziu-me à recomendação de Alberto Guzik, quando diz que “esse livro pede um complemento. Uma obra que tire do limbo as memórias das salas de espetáculos”. (In: SERRONI, 2002. p.14)

Pois bem: na experiência de qualquer amante da arte sergipana, há, certamente, uma passagem pelo Teatro Atheneu. A mais tradicional casa de espetáculos de Sergipe serve de abrigo à arte nas suas mais variadas formas e guarda em seus alicerces a memória de momentos e manifestações culturais marcantes neste estado.

Segundo o diretor e cenógrafo Gianni Ratto, (In: SERRONI, 2002, p. 17) “Teatro é edifício e, como tal, pertence à pólis que abrange todas as motivações e as lógicas dos homens que lá moram”. Tal sentença afirma a relação vital entre o teatro e a cidade. Assim, visitar a história do Teatro Atheneu é conhecer também parte da

história de Aracaju, de Sergipe, dos artistas, intelectuais, trabalhadores e espectadores que por ali passaram. Em se tratando de um teatro construído, inicialmente, como auditório do principal colégio do estado, que serviu de abrigo a eventos e mentes ilustres, este percurso torna-se ainda mais interessante.

Diante das dificuldades de acesso a uma documentação específica e das múltiplas tentativas, tantas vezes frustradas, de contar com o arquivo do próprio Teatro, busquei outras maneiras de recuperar a sua história: nos ecos das suas paredes, nos jornais e revistas que noticiaram seus grandes momentos, em livros que contam a história de Aracaju e seus personagens e, principalmente, na memória de personalidades que passaram por ali. Afinal, foi a minha própria memória quem motivou esta pesquisa: O Atheneu foi o abrigo do meu primeiro contato com o teatro, como plateia, ainda na pré-escola.

A sensação de estar naquele lugar mágico, que trazia à vida os personagens da imaginação, nunca me foi esquecida. Já adulta, atriz, estudante de teatro e sergipana orgulhosa que sou, percebi a necessidade de documentar o máximo de informações possíveis a respeito do lar maior das nossas artes cênicas, na tentativa de honrar a sua importância.

Formalizar no papel a história do Atheneu é respeitar a história dos artistas que por ele passaram, é contar um pouco da história da arte em Sergipe, é entender que a sua existência criou relações com os cidadãos aracajuanos e marcou “sua história, suas tradições e sua cultura”, tal como pensa o arquiteto cênico Gustavo Lafranchi (In: SERRONI, 2002, p. 21). É também, atender ao convite da historiadora Marisa Carpintéro (2010, p. 179) de “conhecemos as cidades a partir de suas pedras, de seus personagens e de seus teatros”. Por isso, este trabalho estabelece uma relação entre a cidade de Aracaju e o Teatro Atheneu, acompanhando o desenvolvimento urbano que deu causa à existência deste, passando pelas primeiras experiências com salas de espetáculo e conhecendo os gostos, o entusiasmo e os limites da população aracajuana que fez o teatro acontecer. Afinal, a cidade construída para ser capital, que sonhava em ser dotada de edifícios necessários às características de civilidade e de modernidade, também ansiava por um teatro (PORTO, 2011).

Assim, pretende-se compreender o teatro enquanto espaço vivo na cidade, configurando o Teatro Atheneu como uma experiência aracajuana e sergipana. Neste contexto, o presente trabalho tem por objetivo estudar a história e as histórias do Teatro Atheneu, o mais tradicional espaço cênico da cidade de Aracaju-Sergipe,

realizando um apanhado entre os documentos que tratam da sua importância para o cenário cultural da cidade, bem como das memórias de figuras marcantes da arte sergipana que vivenciaram parte das suas histórias no Atheneu.

As leituras sobre a História do Teatro Brasileiro foram fundamentais para a abordagem aqui empregada e, de igual modo, artigos e estudos sobre salas de espetáculo no Brasil. Em Sergipe, há informações esparsas em livros de memórias, artigos de jornal e em estudos sobre as instituições culturais sergipanas. O Cine-Teatro Rio Branco, por exemplo, foi tema de monografia de licenciatura em História (TELES, 2005) e a “História da Casa de Sergipe” (2012) trata do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Dos trabalhos acadêmicos sobre Teatro em Sergipe, como a tese de doutorado da professora Lourdisnete Benevides (2015), embora muitos o citem, nenhum tem foco exclusivo no Teatro Atheneu.

Os dados que permitiram a construção deste trabalho foram coletados de jornais sergipanos, como o extinto A Cruzada, Jornal da Cidade, Gazeta de Sergipe, entre outros, livros de memórias e história de Sergipe, monografias, artigos científicos, e nos documentos que foi possível acessar, seja no Arquivo Público de Aracaju, onde se encontra, por exemplo, o arquivo da extinta SCAS – Sociedade de Cultura Artística de Sergipe, no Centro de Memória do Atheneu Sergipense – CEMAS, no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe – IHGSE, na Biblioteca Pública Epiphânio Dórea, na extinta Secretaria Estadual de Cultura de Sergipe - Secult, nos armários aos quais tive acesso nas dependências do próprio Atheneu, além de sites na internet, como o próprio endereço eletrônico do Teatro. Houve, ainda, uma vasta coleta de dados por meio da história oral, através de entrevistas feitas com artistas e gestores culturais, os quais se valeram não somente das suas ricas memórias, mas também de seus acervos particulares, para endossar este trabalho.

É importante mencionar que, no período em que se deu esta pesquisa, aconteceram as reformas do Arquivo Público Estadual, do Colégio Atheneu Sergipense, da Biblioteca Pública Epiphânio Dórea (à qual tive acesso poucos dias antes de iniciar a obra) e foi fechado para reforma o Memorial do Teatro Sergipano, localizado no Teatro Lourival Batista. Embora reformas e melhorias de espaços culturais sejam sempre bem-vindas, esta situação acrescentou dificuldades ainda maiores de acesso à já escassa documentação existente, as quais nem sempre foi possível sanar. Disto resultou a decisão de expor a pesquisa possível, como forma de abrir um caminho que esta autora pretende continuar a trilhar.

Sandy Soares, em 2010, já revelava dificuldade de acesso a documentos e escritos que contassem a história do Teatro Sergipano. Alguns dos espaços visitados neste trabalho também foram explorados pela autora, que, diante do impasse, deixou como pista para os novos pesquisadores:

A existência de documentos em arquivos particulares foi algo comentado em grande parte dos locais em que pesquisei, devido à escassez de referências encontrada nas instituições. Com isso, os funcionários me informaram que a maior parte dos documentos que poderiam relatar a história do teatro sergipano está com os próprios artistas, diretores, dramaturgos, jornalistas, produtores e entre outras funções desenvolvidas nesta área. Com eles, é possível encontrar outras fontes de registros, como vídeos, fotografias, cartazes, recortes de jornais, revistas e links de reportagens na internet, ou seja, o acervo pessoal deles e dos seus respectivos grupos.

Assim, o primeiro capítulo traz um breve apanhado sobre os primórdios da vida cultural em Aracaju, seus costumes e casas de espetáculos, até a chegada do Teatro Atheneu. Já no segundo capítulo, é possível ver a trajetória do Atheneu desde os tempos de Auditório do colégio mais importante do estado de Sergipe, passando pela sua fase áurea de grandes espetáculos, até a movimentação que vai levá-lo a se tornar o Teatro oficial da cidade. O terceiro capítulo trata já do Teatro Atheneu, até anos mais recentes, abordando mais eventos ali ocorridos, as vicissitudes encontradas pela sala de espetáculos com o passar dos anos e as reformas realizadas até chegar nas características atuais. O quarto e último capítulo trata das memórias construídas neste espaço, seus personagens e curiosidades, tendo como base os depoimentos dos entrevistados. Espera-se, desta forma, não apenas criar literatura a respeito do Teatro, mas ajudar a reconhecer o seu valor nos campos cultural, social e intelectual.

## CAPÍTULO 1: TEATRO E A CIDADE: A VIDA CULTURAL NA ARACAJU ANTIGA

Se, para a cultura ocidental, o Teatro surge na Grécia Antiga, em torno de altares de sacrifício, através da semilendária figura de Téspis (LEÃO, 2014, p.19), não se pode desconsiderar que foi nas ruas que se deu a sua popularização, seja nas zonas rurais ou em áreas mais urbanas. Embora as tragédias tivessem caráter de moralização,

os comediantes eram vistos como marginais, tais como ladrões e prostitutas e, em 1574, a *Carta dos comediantes* proibiu a apresentação teatral nas ruas [...]. Assim, os artistas só poderiam se apresentar em edifícios fechados, sob a proteção de um mecenas, de preferência um nobre. A partir de então, os primeiros edifícios teatrais foram erguidos desde a Antiguidade (ZILIO, 2010, p.157).

Já na França do século XIX, “o teatro simbolizava um espaço arquitetonicamente exuberante, um cenário para a plateia durante os espetáculos reencontrarem imagens de espontaneidade, cenas que já não se encontravam mais no cotidiano das ruas”, segundo Marisa Carpintéro (2010, p. 198). A autora lembra também que

o Teatro refletia a sociedade, em suas mais variadas peças e ainda se colocava como um espaço importante, do ponto de vista arquitetônico e urbanístico na metade do século XIX, em várias cidades europeias como também no início do século XX nas cidades brasileiras.

Em Aracaju não foi diferente, e, embora haja registros da existência de casas de espetáculos anteriores a isso, foi mesmo no início do século XX que se intensificou o desejo por um Teatro na cidade, como será exposto a seguir.

O primeiro Teatro do Brasil, no entanto, data do século XVIII, mais especificamente de 1769/1770, quando foi inaugurada, por João de Souza Lisboa, a Casa da Ópera de Vila Rica, hoje Teatro Municipal de Ouro Preto, em Minas Gerais. Além de ser a mais antiga casa de espetáculos em funcionamento da América do Sul, “a casa de espetáculo traz também no seu histórico o fato de ter sido o primeiro teatro onde mulheres pisaram em um palco no Brasil” (ARAUJO *et. al*, 2009).

“O artigo 216 da Constituição Federal de 1988 estabelece como patrimônio cultural ‘[...] as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais’” (OLIVA In: ALVES, 2015, p. 45). Dessa forma, é dever do Estado manter segura e preservada não apenas a estrutura física dos edifícios destinados às manifestações culturais, como também os objetos e

documentos relacionados a estes, além de “garantir a função dos seus valores, da sua história e das suas características regionais” (FONTES DE ALENCAR, 1991).

Ao colaborar com Serroni (2002) na elaboração da sua coletânea de espaços cênicos existentes no Brasil, Gustavo Lanfranchi revela:

Durante o processo de pesquisa, pudemos constatar que a importância do edifício teatral como signo da cultura urbana ia bastante além dos seus limites físicos – sua tipologia arquitetônica – e de sua tipologia cênica – sua função como teatro -, e avançava pelo seu entorno, dentro da cidade, determinando importantes relações dos cidadãos sua história, suas tradições e sua cultura (p.21)

A análise que este trabalho faz da trajetória do Teatro Atheneu, pois, não se desliga do contexto proporcionado pela cidade de Aracaju. Ela acompanha não somente o desenvolvimento urbano que deu causa à existência do Atheneu, como os gostos, o entusiasmo e os limites da população aracajuana que fizeram o teatro acontecer.

Em 17 de março de 1855, um Decreto do Governo Provincial mudou a capital de Sergipe da cidade de São Cristóvão, símbolo da colonização e do estabelecimento português ocorrido a partir de 1590, para as “praias desertas do Aracaju”, no dizer dos contemporâneos (ALENCAR FILHO, 1980). Assim, nascia Aracaju, cidade planejada sob o signo do progresso e da modernidade, já que a intenção do Governo Ignácio Joaquim Barbosa era construir uma cidade próxima a um porto, que facilitasse o escoamento da produção do açúcar e que significasse a implantação de uma era de modernidade e de progresso para Sergipe (CALASANS, 1915-2001, p. 85-108).

Lentamente, a cidade de traçado xadrez foi se desenvolvendo, e suas primeiras construções oficiais (Palácio do Governo, Casa da Câmara, cadeia e Igreja Matriz) respondiam apenas às necessidades essenciais daqueles que primeiro se transferiam para a nova capital. Uma cidade nova como uma página em branco, sem tradições, sem festas, sem vida social. Aracaju chegou a ser considerada uma cidade “divorciada da alegria”, devido à calmaria de suas ruas e à ausência de opções de entretenimento.

A pesquisadora Eva Alves (2005, p. 66) cita o Gabinete Literário Sergipano, fundado em 1860, como importante instituição cultural da época, fomentando a leitura e atividades culturais. Menciona também as conferências populares, iniciadas em 1871, nas quais os jovens ilustres da província difundiam aos ouvintes seus conhecimentos de ciências, artes e indústria.

No entanto, antes mesmo de completar vinte anos de fundada, Aracaju testemunha o surgimento, em 1873, das suas primeiras organizações teatrais: a São Salvador, que se concentrava na rua da Aurora, hoje avenida Rio Branco, e a União, situada na rua Pacatuba. Havia até uma rivalidade entre as companhias, que disputavam a atenção de um público ainda restrito, chegando a montar uma peça nova a cada mês (CABRAL, 2001; TORRES e TEIXEIRA, 2010; SOARES, 2011). Tais companhias se apresentavam no pequeno Teatro São José, localizado na rua de Japarutuba (hoje João Pessoa), e que era, até então, a única casa regular de espetáculos da cidade, recebendo, inclusive, as companhias que, já naquele tempo, excursionavam pelos Estados do país. (BARRETO, 2005).

Era a fase áurea do dramalhão: *O Remorso vivo, A Ré Misteriosa, Os Dois Proscritos, O Mártir do Calvário, As Duas Órfãs, O anjo da Meia Noite e a Morgadinha de Val Flor*. Enquanto, no palco, o herói rugia imprecações desesperadas e a heroína morria de saudade e de amargura, nas platéias, donzelas sentimentais se desmanchavam em lágrimas copiosas (CABRAL, Mário, 2001, p. 123).

Foi também no Teatro São José o primeiro filme exibido em Aracaju, em 1899, trazido por Cipriano Duarte, porém sem muito sucesso. Naquele tempo, frequentavam o teatro homens que,

na maioria vinham de botinas atamancadas de couro-da-Rússia, impermeáveis; as senhoras e senhoritas, com vestidos de festa, iam de tamancos rústicos, e nas casas vizinhas, ou à entrada do teatro, calçavam as meias e os sapatos. Era tal a animação que todos se davam por satisfeitos (CAMPOS, 1967 apud ALVES, 2005, p.69).

Os primeiros cinquenta anos foram de recursos exíguos, muitas doenças provenientes de condições que tornavam o ambiente insalubre com acúmulo de água e nenhum saneamento, e de pouco movimento, porque a vida urbana era mais dinâmica em cidades como Laranjeiras, Estância, Propriá e Itabaiana. O final do século XIX viu a abolição da escravidão, o início da República, a crise da economia açucareira e a constituição de um governo estadual, fatos que trouxeram cada vez mais pessoas para a capital, e já nos primeiros anos do século XX, eram registradas apresentações da Banda da Polícia, às quintas e domingos, das 8 à 9 horas da noite, na praça do Palácio do Governo (ALVES, 2005). Logo chegaria o Cine-Teatro Carlos Gomes, inaugurado em 1904, firmando a novidade do cinema e trazendo eventuais apresentações de artistas itinerantes. O Cine-Teatro apareceu em Aracaju antes mesmo da água encanada, que somente chegou às casas em 1908. Já os



automóveis, aparecem a partir de 1913, junto com as lâmpadas elétricas da cidade (CABRAL, 2001; ALVES, 2005).

Foi aos 13 de fevereiro daquele ano, que a cidade passou a contar com o Theatro Carlos Gomes, concebido pelo italiano Nicolau Pungitori, “materializando uma velha aspiração dos aracajuanos, sempre frustrada em tentativas fracassadas” (PORTO, F. 2011, p. 104). Batizado em homenagem ao maestro e compositor paulista Antônio de Carlos Gomes, o Cine-Teatro possuía 700 lugares, entre cadeiras, camarotes, torrinhas ou gerais, e era dotado de palco grande e camarins, que eram um atrativo a mais para as companhias teatrais (TELES, 2004).

Sobre ele, fala Fernando Porto (2011, p. 104):

era um prédio horrível, por fora e por dentro. Soubemos que se destinava, inicialmente, a uma fábrica de chapéus, mas não conseguimos confirmação da notícia. O piso do salão era de lajes calcárias, rejuntadas com argamassa de cimento, solução adotada durante muito tempo para os passeios e demais pisos em Aracaju. Os assistentes sentavam-se em grandes bancos, semelhantes aos usados hoje em nossas igrejas. Apesar dos pesares, a ânsia aracajuana por um teatro era tamanha que a vistoria preliminar feita pelo Chefe de Polícia, no dia 9, contou com a presença do Presidente do Estado, do Secretário Geral, do Juiz Federal, do Delegado Fiscal e outros ilustres cavalheiros.

Com a morte de Pungitori, em 1909, passou a funcionar nas dependências do Carlos Gomes, o Cinema Sergipe, depois sucedido pelo Cinema Ideal, e finalmente, em 1912, o Cine-Teatro Rio Branco, numa homenagem dos proprietários Juca Barreto e Hormindo Menezes ao Barão do Rio Branco (TELES, 2004; BARRETO, 2005). Em 1920, aconteceu a primeira reforma do prédio, assim narrada por Porto (2011, p. 105):

o piso foi rebaixado e revestido de ladrilhos hidráulicos; os bancos substituídos por cadeiras individuais, geminadas, com assentos de palhinha e encostos de madeira que só atingiam metade das costas, uma boa solução para o nosso clima; o palco sofreu melhorias. Sua conformação interior constava de três níveis: o inferior, o maior deles; o intermediário, em forma de ferradura, dotado de camarotes, o do Presidente do Estado ao centro, ladeado pelo do Intendente e o do Chefe de Polícia; o superior, sobre o dos camarotes, era a “geral” ou “torrinha”, a mais barata, em forma de arquibancada, compridos bancos escalonados.

Filmes e companhias teatrais sucederam-se no palco do Cine-Teatro Rio Branco. “Era um Teatro de Repertório em que cada dia acontecia a encenação de uma peça diferente, porém com a mesma companhia” (BENEVIDES, 2015). Já na década de 1920, a Companhia Dramática Nacional emocionou os aracajuanos com a presença da grande atriz Itália Fausta, em peças como “A Ré Misteriosa” e “A Mãe”. Além de filmes e companhias teatrais, o Rio Branco sediou conferências, comícios, festivais beneficentes, bailes carnavalescos e teria sido o “primeiro cinema brasileiro

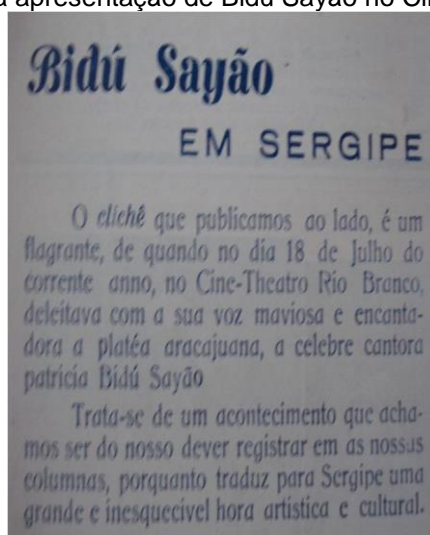
a exibir a nova técnica do cinemascope”, por escolha da Fábrica Fox, o que não aconteceu devido ao atraso nas obras de adaptação, tendo sido então o segundo cinema brasileiro a exibir essa técnica (PORTO, 2011, p. 106).

Foi nas mãos de Juca Barreto, que o Cine-Teatro viveu o seu período áureo. Sobre ele, escreveu o memorialista Murilo Melins (2007, p. 118-119 apud DANTAS JUNIOR, s/d):

Durante sua longa existência, o Cine Rio Branco foi a Casa de espetáculo mais importante de Aracaju. Em sua tela foram projetados desde os filmes mudos de Rodolfo Valentino, às revistas musicais de Hollywood, assim como todos os clássicos do cinema americano. No seu grande palco, em memoráveis noites, exibiram-se: uma companhia internacional que representou a opereta A Viúva Alegre de Frank Leart; encenações de peças teatrais pelas companhias dos grandes teatrólogos Procópio Ferreira, Renato Vianna, Joracy Camargo, Jaime Costa, Luiz Iglesias, e os inesquecíveis recitais de astros famosos como Bidu Sayão, Lison Gaster, Tito Sckipa, Vicente Celestino, Francisco Alves, Orlando Silva; as orquestras de Ari Barroso, Cassino de Sevilha, e a Orquestra de Tonéis da Guiana Francesa.

Melins também lembra a figura de Paulo Barreto, braço direito do irmão, Juca, que escreveu diversas peças teatrais, encenadas no palco do Rio Branco por artistas da terra. Destaca o monólogo “O homem que perdeu a fé”, representado por Edinaldo Rezende (MELINS, 2000, p.79). Já a passagem da cantora Bidú Sayão pelo Cine-Teatro tem sua importância registrada no Cadastro industrial, comercial agrícola e informativo de Sergipe, de 1938:

Figura 1 - Notícia da apresentação de Bidú Sayão no Cine Teatro Rio Branco



Cadastro industrial, comercial agrícola e informativo de Sergipe, de 1938

Andrade e Brito Filho (2012) contam que “durante o período carnavalesco, o Rio Branco abrigava os bailes de máscara e concursos de fantasia e do maxixe”. Afirmam, ainda, que nele eram realizados “diversos tipos de eventos, como

apresentações musicais, escolares, convenções de partidos políticos”, entre outros. No mesmo artigo, os autores mencionam que a população aracajuana sempre foi amante da arte cênica, utilizando inclusive como teatros outros cinemas que viriam posteriormente. A falta de estrutura dos espaços em questão não era impeditiva para os sucessos de bilheteria:

[...] Eu morava em Propriá nessa época, e o pai de Clara Angélica, seu Nilton Porto, que adorava ópera e adorava teatro, mandava dizer: venha e venha. E comprava a récita das apresentações. Aí eu vinha. [...] Teve um ano que tava na moda uns vestidos longos. Eu me lembro que eu fiz três roupas diferentes pra poder cada noite eu ir de uma forma. E ninguém era besta de repetir vestido, tá doido? (FONTES, 2018).<sup>1</sup>

A elegância dos frequentadores do Cine-teatro também é mencionada por Osório de Matos, vitrinista e primeiro guia turístico de Aracaju, em entrevista a Osmário Santos (2004): “Eu gostava muito de ver gente elegante. Sempre gostei. O chapéu estava no auge e era cada chapéu, vou te contar!”

O que Fernando Porto (2011) chamou de “ânsia aracajuana por um teatro” era mesmo um sentimento presente, como é possível constatar na publicação de Clodomir Silva, o Álbum de Sergipe, criado para comemorar os cem anos de emancipação política do estado, em 1920 (p.169). Assim, quando a paisagem urbana de Aracaju foi renovada, para as festas do centenário, o Presidente do Estado, Pereira Lobo, teve a ideia de construir um teatro, com capacidade para 1000 pessoas. Na Mensagem do Governo à Assembleia Legislativa, naquele ano, “Pereira Lobo relata a intenção de construir o “Theatro São Cristóvão”, dizendo:

Em 1 de setembro corrente foram recebidas, no Conselho Administrativo Estadual, propostas para a construção do Theatro S. Christóvão, nesta capital. A construção de um theatro moderno em Aracajú, em face do grande desenvolvimento que se vem notando em todos os ramos da nossa atividade, era já uma necessidade palpitante. O Theatro entre nós não é um edificio que se execute para um limitado numero de anos. A sua construção deve atender ao desenvolvimento da população que se avanta sensivelmente. O projecto do nosso theatro é de estylo gothico-arabe, com as modificações da época actual, especificando accommodações para mil pessoas (SERGIPE, 1920. In: CRUZ, 2016, p. 78).

Na Aracaju que aderiu então à *belle-époque*, o Teatro atenderia ao desejo da elite sergipana, que gostaria de vivenciar um ambiente cosmopolita regado a atrações culturais nacionais ou estrangeiras, principalmente europeias. A construção de teatros

---

<sup>1</sup> FONTES, Aglaé D'Ávila. Entrevista concedida em 25 de maio de 2018.

foi um fator que vigorou durante as reformas urbanas em várias cidades. Aracaju tinha como exemplos o Rio de Janeiro (Teatro Municipal), Belém (Teatro da Paz), Manaus (Teatro Amazonas), Natal (Teatro Aberto Maranhão), Salvador (Teatro Castro Alves), Recife (Teatro Santa Isabel) e Fortaleza (Teatro José de Alencar), e ansiava não apenas pela sua modernização, mas igualmente por atender a esta elite que desejava dotar a capital de um equipamento amplo e monumental, para seu desfrute, o que não era característica do Cine-Teatro Rio Branco (PORTO, 2011; CRUZ, 2016). A imagem a seguir mostra como foi pensada a estrutura do prédio, que seria construído onde hoje está o Palácio Inácio Barbosa, antiga sede da Prefeitura Municipal, na Praça Olímpio Campos:

Figura 2 - Projeto do que viria a ser o Theatro São Cristóvão



Fonte: SILVA, Clodomir. *Álbum de Sergipe*. Aracaju: Imprensa Oficial, 1920, p. 161.

A edição de 04 de julho de 1920 do jornal *Correio de Aracaju* traz matéria falando da intenção do Presidente do Estado em edificar um monumento grandioso, dirigido por engenheiro recém-chegado do Rio de Janeiro, Bruno Sercelli:

O exmo. sr. dr. Pereira Lobo, sem favor, o mais operoso dos últimos presidentes de Sergipe, resolve tomar aos hombros o patriótico encargo da construção de um theatro moderno. E Sercelli se não faz esperar com a exposição de uma planta e respectiva maquete numa das ruas mais publicas de nossa capital.

No entanto, mesmo com o desejo das camadas mais abastadas da sociedade aracajuana, a empolgação do Presidente e o empréstimo por ele tomado de mil e quinhentos contos de réis, a construção do teatro não saiu do papel (CRUZ, 2016), nem de sua maquete feita por Bruno Sercelli, pois “as dificuldades financeiras que começam a surgir em Sergipe, fizeram que esse teatro ficasse apenas no projeto largamente divulgado. Livrou-se desse modo, Sergipe, de ver erguido um edifício característico de uma época de esnobismo” (PORTO, 2011, p.172).

Assim, Aracaju continuaria tendo no Cine-Teatro Rio Branco, o seu único teatro, dividindo com as exhibições de películas e outros eventos (TELES, 2004), como é possível verificar através das palavras de Mário Cabral (2001, p. 202): “O Rio Branco é tudo, serve para tudo. É o cinema, é teatro, é recinto de conferência, salão de concerto, é local de comício político (...)”

Figura 3 - Fila na porta do Cine- Teatro Rio Branco



Fonte: MELINS, 2000, p. 79

Posteriormente, a cidade passaria a contar com o Auditório do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, para 500 pessoas, inaugurado em 1938, também no centro comercial. Sem características de teatro, porém oferecendo melhores condições estruturais, o Auditório do IHGSE chegou a abrigar diversas apresentações culturais, particularmente de música erudita, principalmente na década de 1950, visto que fora o espaço cedido por Epiphâneo Dórea para a profícua Sociedade de Cultura Artística de Sergipe - SCAS, mas destinava-se principalmente a conferências, formaturas e outros eventos culturais (NUNES in Secretaria de Estado da Cultura, 2004).

O contista Mário Cabral narra, em um dos seus artigos publicado na Revista da Academia Sergipana de Letras (1980), como era a Aracaju cultural dos anos 1940. Grandes nomes da cultura sergipana daquele período são citados, com base nas experiências pessoais e na memória do autor, e a importância do Cine-Teatro é destacada quando este menciona artistas que por ali passaram, como Eva Todor, Procópio Ferreira e a já mencionada Bidú Sayão. Conta ele que “a cidade fervilhava” e “a sociedade comparecia, discutia, aplaudia e comentava” os espetáculos ali apresentados. Este artigo traz, também, outro dado interessante, quando narra as festas das casas particulares, em que um dos momentos mais aguardados era a

apresentação de um número de canto, música ou declamação, costume até hoje presente em algumas famílias tradicionais de Aracaju, que também aparece no discurso de Osório de Matos:

Eu, com a idade de oito anos, quando acabava de tomar café, à noite, toda a vizinhança colocava cadeira na porta e me chamava para declamar... E batiam palmas. Eu tinha muito gesto artístico, de declamador. Diziam: “Este menino tem o espírito de Rui Barbosa” (MATOS apud SANTOS, 2004).

Assim, a vida cultural de Aracaju ia se desenvolvendo, constituindo características próprias da ainda pequena capital. Em 1940, chegou o rádio, e na década de 1950, já funcionavam duas emissoras: A Rádio Difusora de Sergipe e a Rádio Liberdade de Sergipe. “Na zona proletária há vários cafés dançantes, como o famoso *Gato Preto*, de Mané Roxinho, o *Moscou*, o *Mira Mar* [...] e o famigerado *Ponta da Asa*”. (CABRAL, 2001, p. 129). O centro da cidade, além de abrigar a movimentação comercial e social, era cenário, também, dos inesquecíveis desfiles de carnaval, que passavam pela praça Fausto Cardoso e pela rua João Pessoa, endereço do Cine Rio Branco, que, como já mencionado, abrigou, ele próprio, bailes carnavalescos. O mesmo Osório de Matos conta que na rua Boquim, também no centro, as meninas brincavam de drama: colocavam um lençol como pano de teatro, ensaiavam na rua e, no dia da apresentação, abria-se o pano e faziam o espetáculo para os convidados. (MATOS apud SANTOS, 2004).

Ao descrever a cidade de Aracaju em 1955, Bonifácio Fortes o faz de maneira poética e familiar:

em seus defeitos e qualidades, fruto de nossos sofrimentos e suor, de nossas lutas e vitórias. Se somos feios, fracos e pobres, somos orgulhosos do que temos dentro dessa paisagem cultural e humana que envaidece, a pesar de tudo. [...] Aracaju tem chamariz especial feito de brisa, areia, cheiro de caju, de sumo de mangaba, de leite de côco e de cuscús de milho (FORTES, 1955).

Foi também na década de 1950 que a agente e gestora cultural Aglaé Fontes, uma das entrevistadas para a realização deste trabalho, apresentou o musical infanto-juvenil *Fantasia Colorida*, no palco do Cine-Teatro. Ainda adolescente, Fontes escreveu e dirigiu o espetáculo, o que considera uma ousadia, devido à sua pouca idade. A renda do musical foi revertida ao Asilo Rio Branco, a pedido de sua mãe, que era benfeitora da instituição. Aglaé também lembra de ter usado o palco do Cine-Teatro para a apresentação do espetáculo adulto *Borandá*, também de sua autoria (FONTES, 2018).

Como mencionado anteriormente, a década de 1950 é marcada pela fundação da Sociedade de Cultura Artística de Sergipe – SCAS, mais especificamente, em 1951. Tida como instituição que fez a arte em Sergipe atingir o seu período áureo, a SCAS fazia uso dos palcos disponíveis em Aracaju, vindo, inclusive, a lotar o auditório do então Colégio Estadual de Sergipe, uma das denominações do Atheneu, que seria inaugurado posteriormente (FONTES, 1999; ALENCAR, 2018, VARELLA, 2018). Na sua noite de inauguração, sob o comando do professor Felte Bezerra, trouxe para o auditório do IHGSE um recital de Chopin, executado pelo pianista Oriano de Almeida. Daí em diante inúmeras apresentações abrilhantaram as noites da nata cultural sergipana, que, em sua maioria, era filiada à SCAS. Presidida por José Carlos Teixeira a partir de 1958, a sociedade faz de Aracaju porta de entrada de grandes espetáculos internacionais que vinham para o Brasil, cria um Departamento de Cinema e Teatro, traz artistas e peças de renome no país, bem como movimentava a cena cultural local, dando origem ao seu próprio grupo de teatro, o TECA (SOUZA, 1985).

Aqui, cabe destacar um espetáculo promovido pela SCAS que é rememorado em diversas obras e nos discursos várias figuras importantes da cultura local: “Recital Sem Opus”, peça genuinamente sergipana, de autoria do professor João Costa e participação de nomes importantes da história de Sergipe, como Luiz Antônio Barreto, Orlando Vieira, João Augusto Gama, Chico Varela, entre outros, cuja qualidade da montagem rendeu um prêmio no Festival Nacional de Teatro do Rio de Janeiro, em 1967 (CARVALHO, 1999; BENEVIDES, 2015; VARELA, 2016). Este foi um dos últimos espetáculos apresentados no palco do Cine-Teatro Rio Branco (FONTES, 1999).

Figura 4- Apresentação do espetáculo Recital Sem Opus



Fonte: CARVALHO, 1999.

Na Aracaju que se desenvolvia a passos largos, além do Rio Branco, outros pontos de encontro de intelectuais e notáveis da sociedade eram o Ponto Chic, o Café Central e a Livraria Regina. “A supremacia do Cine-Teatro Rio Branco seria abalada com o aparecimento do Cinema Palace”, na mesma Rua João Pessoa, com mais recursos tecnológicos, e, posteriormente, com a inauguração do Teatro Atheneu, “mais moderno e confortável” (ANDRADE e BRITO FILHO, 2012).

Mas antes do Atheneu existir propriamente como Teatro, o clamor por novos espaços dedicados às expressões artísticas continuava. Enquanto isso, professores, alunos e ex-alunos do então Colégio Estadual de Sergipe, tornavam-se expoentes no campos intelectual, artístico e político, fazendo com que o auditório do colégio, espaço onde ocorriam as apresentações destes cunhos da escola, além de funcionar a Arcádia Literária do Atheneu, comesse a se firmar como local de importantes expressões, embora, em sua maioria, ainda voltadas para o âmbito escolar (ALVES, 2005).

A historiadora Terezinha Oliva (In Alves, 2005, p.9) lembra que “pensar conjuntamente a cidade de Aracaju e o Atheneu Sergipense oportuniza refletir sobre o quanto devemos às gerações que iniciaram a construção destes bens do patrimônio cultural dos sergipanos”.

A ligação entre o auditório e o colégio, no entanto, nem sempre foi oportuna, já que muitas vezes as sirenes que davam início ou fim às aulas atrapalhavam as apresentações artísticas, assim como o barulho dos artistas em cena, interrompiam as aulas (FONTES, 2018; LEÃO, 2018<sup>2</sup>; LINS, 2018<sup>3</sup>). Aglaé Fontes (2018) relembra: “Eu já assisti pianista que era remanescente da Segunda Guerra Mundial ou de outra guerra qualquer do país dele, que quando a sirene tocava ele levantava do piano”.

Além disso, a sociedade sergipana apropriava-se cada vez mais do espaço. Desta maneira, foi ficando inevitável tornar o auditório independente do Colégio, dando asas ao futuro Teatro Atheneu.

---

<sup>2</sup> Denys Leão. Depoimento colhido em 16 de julho de 2018.

<sup>3</sup> Jorge Lins. Depoimento colhido em 23 de junho de 2018.



## CAPÍTULO 2: DE AUDITÓRIO A TEATRO: O ATHENEU

Se o teatro é percebido como integrante fundamental do conjunto de edificações que lhe determina o caráter de cidade, e lhe empresta o status social e cultural natural de seu desenvolvimento, também pode-se dizer que a existência do edifício teatral só se justifica e se torna possível a partir da existência desse contexto – a cidade e seus cidadãos – da qual se torna, inseparável e reciprocamente, representativo (LANFRANCHI in Serroni, 2002, p. 21).

Tendo as suas origens como auditório do Colégio Estadual de Sergipe, o Teatro Atheneu atende perfeitamente à sentença do arquiteto Gustavo Lanfranchi, pois representa a cultura de Aracaju (e de todo Sergipe), não apenas no âmbito artístico, como também no âmbito intelectual.

Inaugurado em 03 de fevereiro de 1871, quando Aracaju tinha apenas 15 anos, o Colégio Estadual Atheneu Sergipense é resultado do movimento cultural que se instalou no Brasil a partir de 1870, o chamado *fin-de-siècle* (ALVES, 2005). Nessa época, começam a surgir as questões que vão levar à queda da Monarquia no País, com consequente advento da República. A busca pela modernidade vai estimular o movimento republicano, contemporâneo do fim da Guerra do Paraguai, da Abolição da Escravatura e da Questão Religiosa.

A Província de Sergipe não fica alheia à nova realidade: é nesse período que inaugura os cursos que darão origem às suas duas escolas mais famosas: a Escola Normal (1870), cujo objetivo era a formação de professores, e o Atheneu Sergipense (1871), destinado ao Curso Médio (FRANCO, 2017). Ambas as escolas ocuparam prédios bem no coração da cidade, na atual Praça Olímpio Campos (NUNES, 2008).

O prédio cedido pela Câmara Provincial, para o início das atividades do Atheneu Sergipense, não oferecia condições favoráveis às atividades pedagógicas: era uma casa “arruinada e suja” (NUNES, 2008, p. 121). Assim, seus idealizadores decidiram edificar uma sede específica para o colégio, inaugurada em 3 de dezembro de 1872, na praça da Conceição, atual praça Olímpio Campos. “Era um prédio arquitetonicamente vistoso, que contribuía também para o embelezamento da área urbana” (ALVES, 2005; FRANCO, 2017).

A notícia da instalação do Colégio, publicada no Jornal do Aracaju de 05 de fevereiro de 1871, descreve os acontecimentos daquela sublime noite, e a encerra de maneira poética, dizendo: “O pouco que fica ligeiramente narrado, não pode, de certo, dar a medida exacta do entusiasmo, do jubilo que transluzia no riso de todos os lábios (sic). É impossível descrever aquilo que só o coração pode sentir”. (apud ALVES,

2005, p. 52). Desta notícia, pode-se inferir como os corações sentiam a alegria de Sergipe contar com uma casa de ensino público que atraiu os melhores intelectuais da época para o seu corpo docente, afinal, “ser docente no Atheneu Sergipense significava ser membro do circuito produtor de modelos culturais” (ALVES, 2005, p. 59).

O Atheneu Sergipense foi criado para proporcionar ensino público de qualidade aos sergipanos em geral, mas particularmente visava evitar a saída de jovens provenientes de famílias com condições financeiras que, em tenra idade, eram enviados para estudar nos grandes centros do país. A historiadora Terezinha Oliva elenca nomes de destaque entre os ex-alunos do Atheneu, como João Ribeiro, Felisbelo Freire, Manoel Bomfim, Gilberto Amado e Clodomir Silva, intelectuais de atuação nos campos econômico, político e cultural, de grande importância e reconhecimento até mesmo fora do Estado. Ainda segundo Oliva, a instalação do colégio ajudou a conferir à capital o papel de centro cultural e educacional do Estado, que até a primeira década do século XX fora primazia de Laranjeiras e de Estância.

De fato, a criação do Atheneu tem o sabor da busca pela independência intelectual. Sem o Colégio, a dificuldade de acesso à educação formal seria significativamente maior, uma vez que continuaria reduzido àqueles que tinham condições de serem sustentados pelas famílias fora do Estado, para galgar maiores aspirações na própria formação.

Em 1913, com o crescimento da cidade, o Atheneu Sergipense migraria novamente de sede, dando lugar à Biblioteca Pública. Durante trinta anos, ocupou outros endereços, como o prédio da Avenida Ivo do Prado (onde hoje funciona o Museu da Gente Sergipana), até que se encaminhou, em 1950, para a moderna e monumental sede de uma quadra inteira, na atual Praça Graccho Cardoso, Bairro São José, local onde se encontra instalado até hoje. Segundo Eva Alves (2005, p.61), “qualquer que tenha sido a localização geográfica em que o prédio do Atheneu Sergipense funcionou, ele sempre esteve na região central da cidade de Aracaju, à vista da sociedade e próximo aos demais edifícios de destaque”.

O local escolhido para a grande sede do colégio era anteriormente conhecido como “Areinha”, um baixio alagado, intransitável nas chuvas. Na administração do prefeito Camilo Calazans (1931-1933), a região foi aterrada e passou a ser usada por crianças e jovens para jogar futebol e outras modalidades de jogos. Na década de 1940, a Prefeitura prolongou a Rua Riachuelo até a Rua da Frente (Avenida Ivo do

Prado) e logo, o Governo estadual resolveu construir a nova sede do antigo Atheneu Sergipense. A chegada do Colégio motivou o aparecimento de outras edificações, apagando o nome “Areinha” e mudando as características do lugar (PORTO, 2001, p. 67).

A “Areinha” integra o Bairro São José, que passaria, na mesma década, a ser a área residencial mais valorizada da cidade, dotada de equipamentos como a Igreja São José, o Seminário Diocesano, o Colégio Patrocínio São José - das Irmãs Hospitaleiras Portuguesas - o Grupo Escolar Oliveira Valadão, a Associação Atlética de Sergipe e, mais tarde, o aclamado Estádio Estadual Lourival Baptista, como se vê observando o seu entorno. Se, nos anos 1940, Aracaju teve várias construções do estilo *art-déco*, esta sede já tem o caráter das construções da transição para o Modernismo, como o denotam as suas linhas retas e suaves.

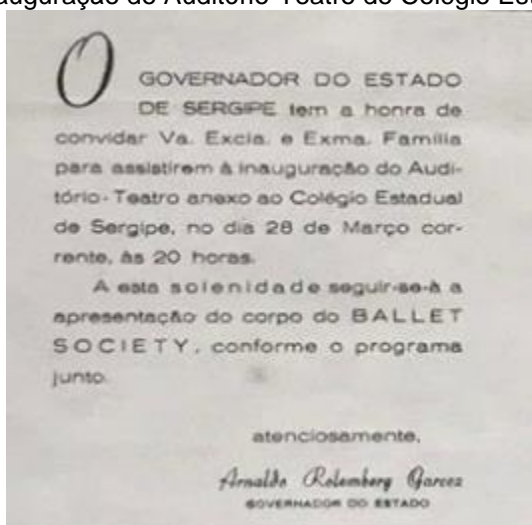
Para se ter ideia da grandiosidade do colégio, Josevanda Franco (2017) cita que “em 1921, o Atheneu possuía museu, biblioteca, gabinetes de física, química e história natural, não ficando a dever, em termos de equipamentos, a outras instituições congêneres brasileiras”. Além do endereço, o Atheneu também mudou diversas vezes de nome, chamando atenção, entre as mudanças, a oportunidade em que o então presidente Graccho Cardoso decidiu homenagear, em 1925, o centenário de nascimento do segundo Imperador do Brasil, denominando-o “Atheneu Pedro II”. Esta homenagem não foi bem aceita por todos, especialmente em tempos em que ainda reverberava o fervor republicano de 1889, e então em “16 de fevereiro de 1938, o Decreto nº 5, do Interventor Eronildes Carvalho determinou que o colégio Atheneu “Pedro II”, voltasse a ser o Colégio Atheneu Sergipense”. Novas mudanças continuaram acontecendo, e desde 2003 o colégio tem por nome “Colégio Estadual Atheneu Sergipense – Centro de Excelência” (ALVES, 2005; FRANCO, 2017).

Qualquer que tenha sido a sua denominação, o Atheneu sempre foi um ícone de Sergipe, sendo visita obrigatória aos que vinham a Aracaju. Antes da chegada dos primeiros cursos superiores e um século antes da primeira universidade, ele surgiu como respeitosa instituição educacional, tornando-se um marco de excelência (ALVES, 2005, p. 81; OLIVA, 2017). Segundo Franco (2017), quando apagada a homenagem a Pedro II, o Atheneu estava no auge. Foi nessa época que foi iniciada a construção do auditório do Colégio – inaugurado em 1954 – que viria a tornar-se o nosso Teatro Atheneu. O Auditório acompanhou a monumentalidade da edificação do

Colégio, sendo construído na sua ala Oeste, em direção contrária à das salas de aula, já na Rua Vila Cristina.

Consta no Diário Oficial do Estado de Sergipe de 27 de março de 1954, que a instalação do “magistoso auditório” no Colégio Estadual de Sergipe, que a muitos parecia um sonho, vinha para suprir uma deficiência da capital, e simbolizava a realidade de um governo “arrojado e empreendedor”. Eis o convite para a inauguração do sonhado auditório:

Figura 5 - Convite para a inauguração do Auditório-Teatro do Colégio Estadual de Sergipe



Fonte: SECULT, 2004

Foi o Ballet Society do Rio de Janeiro o desbravador do palco em questão. Na noite de 28 de março de 1954, em comemoração ao terceiro aniversário do governo de Arnaldo Garcez, foi entregue à sociedade o auditório-teatro do Colégio Estadual de Sergipe (COSTA In: SECULT, 2004). Antes da apresentação do grupo, a então diretora do Colégio, professora Maria Thetis Nunes, abriu a cerimônia com um belíssimo discurso, enfatizando a importância daquela ocasião para o desenvolvimento das artes em Sergipe e já deixando claro que o auditório teria funções maiores do que a de ser apenas mais uma das dependências do colégio. Suas palavras foram registradas no Diário Oficial de Sergipe de 23 de abril de 1954:

Longa é a distância que separa o teatro grego ao relento, lembrando anfiteatros, dos suntuosos edifícios que, imponentes, se erguem, modernamente, nas grandes cidades dentro do arrojo e da técnica da arquitetura dos nossos dias. Mas, sua finalidade tem sido sempre a mesma: dar ao homem momentos de encantamento e de sonho, porque a Arte como define esse esteta genial que foi Romain Roland, é a sombra do homem projetada na natureza.

Ao aludir à lenda da Caixa de Pandora, na qual a esperança fica ao fundo da caixa, Nunes relembra a já mencionada ânsia aracajuana por um teatro:

Este auditório é o triunfo da Esperança. A esperança de sua construção é longínqua, muitos o sonharam.

Hoje ele aqui se ergue na majestade de suas linhas, na suntuosidade de seu interior, na técnica de sua construção apesar da crítica malévola e destrutiva.

E vaticinava:

O papel que representará para a vida cultural de nosso Estado é incalculável. Não se compreende um povo civilizado sem gosto artístico.

É nossa esperança que no futuro, aqui poderemos através dos grandes intérpretes, ouvir ecoar vozes de personagens imortais, criados por Molière, Ibsen, Shaw ou Shakespeare.

Houve, ainda, um ligeiro discurso do professor Felte Bezerra, que, àquele tempo, presidia a Sociedade de Cultura Artística de Sergipe – SCAS. Sendo mais uma figura importante para a arte em Sergipe, Felte falou enquanto representante dos amantes da arte. As imagens a seguir mostram a então diretora, Thetis Nunes, discursando ladeada pelo governador Arnaldo Garcez, e o público que compareceu à noite de inauguração:

Figura 6- Discurso de Thétis Nunes na inauguração do Auditório-Teatro do Colégio de Sergipe



Fonte: Gazeta de Sergipe, 14 de outubro de 1984.



Fonte: Gazeta de Sergipe, 14 de outubro de 1984.

Dirigido pela bailarina Tatiana Leskova, o Ballet Society trazia, também, o primeiro bailarino do Teatro Municipal do Rio, Arthur Ferreira. O espetáculo, “longo, variado e bem escolhido”, conforme relatado no jornal *A Cruzada* daquela semana, causou encantamento, mas não ficou imune aos refinados olhos da nata cultural sergipana. Críticas a alguns movimentos exagerados e repetitivos das bailarinas e à contradição entre o rico figurino, transportado do Rio de Janeiro para Aracaju, e o cenário pobre da produção local, também foram eternizadas nas páginas do jornal. Interessante, é, pois, notar como o jornalista encerra o seu relato acerca daquela noite:

De parabéns a arte e a cultura sergipanas, com a louvável iniciativa do Governo do Estado. Esperamos agora que, ao Auditório, seja dado um ar de dignidade que não o barateie para espetáculos de qualquer natureza, mas apenas para as elevadas finalidades artísticas e culturais, em boa hora frisadas por ambos os oradores da solenidade de inauguração (*A Cruzada*, março de 1954).]

Mais uma vez, ficam evidentes as altas expectativas da sociedade intelectual sergipana sobre o recém-inaugurado auditório. Aglaé Fontes, que esteve presente na inauguração do Auditório, lembra, em depoimento concedido para a realização deste trabalho:

[...] na época, foi um avanço extraordinário pelo tamanho, pela boca de cena do Teatro, que é grande, até hoje ele é bom. [...] mas na época, meu Deus do céu, era um prestígio você ter uma agenda do Teatro pra apresentar alguma coisa. Não era toda coisa que ia pra lá não, entrava no crivo da

direção pra saber se aquele espetáculo merecia estar dentro do Teatro Atheneu (FONTES, 2018).

Sua localização em relação ao conjunto do Colégio o colocava também em contato com a cidade. A Rua Vila Cristina ficava na confluência com a Riachuelo, que na década de 1940 havia sido prolongada até a “Rua da Frente”, ou Ivo do Prado, tornando possível urbanizar a área (PORTO, 2011, p. 156). Abrindo-se para a rua, o Auditório não tardaria se tornar o palco mais requisitado da cidade, tanto para solenidades, quanto para os áureos espetáculos trazidos pela Sociedade de Cultura Artística Sergipana – SCAS, que, como mencionado anteriormente, já nos anos cinquenta, brindavam a cidade.

Unanimidade entre os amantes da arte em Sergipe, nas décadas de 1960 e 1970, a SCAS movimentava as noites sergipanas com as mais belas e variadas apresentações, consolidando Aracaju como um dos principais endereços para exposições artísticas no país. Seus bem relacionados presidentes, em especial José Carlos Teixeira, conseguiam atrair para a cidade diversos espetáculos internacionais, fazendo de Aracaju a porta de entrada para as temporadas no Brasil. (MELCHÍADES, 1985; CARVALHO, 1999; FONTES, 1999; COSTA In: SECULT, 2004; FONTES, 2018; VARELA, 2018). Alguns dos espetáculos foram lembrados por João Costa (In: SECULT, 2004): “Inesquecível é o aplauso do público, todo ele em pé, após a execução de uma peça de Igor Stravinsky, executada pela Orquestra de Câmara de Munique [...] Orquestra de Câmara de Praga, Meninos Cantores de Viena”. Como mostra o encarte, a Orquestra de Câmara de Praga esteve no palco do Atheneu em 25 de agosto de 1959, ainda no primeiro ano de Teixeira à frente da SCAS:

Figura 8- Cartaz publicitário da Orquestra de Câmara de Praga



Fonte: SECULT, 2004.

Os Meninos Cantores de Viena também são lembrados por Aglaé Fontes (2018):

[...] esse teatro foi um acontecimento não só social, mas cultural muito importante pra cidade porque permitiu que a gente assistisse peças de teatro, dança, coral... a gente recebeu pela Cultura Artística os Meninos Cantores de Viena, nunca me esqueci disso aí. [...] Então, o Teatro Atheneu, a existência dele, provocou uma ação cultural muito efervescente.

Além de trazer nobres espetáculos para Aracaju, a SCAS estimulou a produção local, dando asas ao grupo TECA – Teatro Cultura Artística, “que, dirigido por João Costa, equipou tecnicamente o palco do Atheneu – onde Nestor (Braz) realizava milagres como maquinista” (MELCHÍADES, 1985). A cineasta, escritora, ativista cultural e ex-aluna do Atheneu, Ilma Fontes (1999) lembra que o TECA trazia diretores de São Paulo e do Rio de Janeiro para trabalhar em montagens sergipanas, e classifica como inesquecíveis peças como “Chuva”, de John Colton e Clemence Randolph, e “A casa de Bernarda Alba”, de Frederico Garcia Lorca, ambas encenadas no palco do Auditório-Teatro. “Chuva” também é lembrada por Chico Varela (2018)<sup>4</sup>, que cita os atores Tereza Prado e Antônio Rocha e conta que Nestor Braz fazia chover em cena: “era uma cena linda”.

Figura 9- Antônio Rocha e Tereza Prado em “Chuva”



Fonte: SECULT, 2004

Como é possível perceber, a inauguração do auditório do Atheneu revolucionou a vida intelectual e artística sergipana. Embora não tenha sido encontrado o nome do arquiteto que o projetou, sabe-se que ele foi como um dos melhores do país à época, e recebeu elogios de muitos artistas e companhias, inclusive da estrela Bibi Ferreira,

<sup>4</sup> Francisco Carlos Varela. Depoimento colhido em 03 de julho de 2018.



que algumas vezes se apresentou naquele palco, assim como seu pai, o grandíssimo ator Procópio Ferreira. No Atheneu, Procópio brindou Aracaju com uma bela representação de “O Avarento”, de Molière, além de fazer algo difícilíssimo de se imaginar nos dias de hoje, dada a grandeza do ator em questão: uma temporada de uma semana com cinco peças diferentes, com espetáculos por assinatura (SECULT, 2004). Sobre as grandes apresentações que passaram pelo Atheneu, Amaral Cavalcante, que foi Secretário Exclusivo da SCAS, relatou a Benevides (2015):

Coisa que não se faz mais, uma companhia. Por exemplo Fernanda Montenegro não vem, as companhias e a maioria das produções ficam nas cidades ricas, de Rio e São Paulo. Antigamente não era assim, Fernanda vinha, Bibi Ferreira vinha, Procópio Ferreira vinha. Procópio Ferreira vinha, tá entendendo? Vinha com seus espetáculos.

E não eram apenas os artistas que rendiam elogios ao Auditório. Quem por ali passava enquanto público, também comentava a sua majestade:

A verdade, amiga, é que jamais houve um verdadeiro teatro no Cidade de Aracaju [...]. Os nossos cinemas, fazendo de conta que são teatros, lançam, frequentemente, os maiores valores cômicos, líricos, dramáticos e coreográficos do teatro nacional. Casas pequenas, sem conforto para o público, sem acomodação para os artistas, palcos horríveis, dificultando, impossibilitando, por vezes, a encenação de originais valiosos, nada disso impede que os espetáculos teatrais redundem em magníficos sucessos de arte e bilheteria. Salva-se, na Cidade de Aracaju, como teatro, o magnífico auditório do *Colégio de Sergipe*, amplo e confortável. Nossa plateia é culta, severa e exigente. Mas sabe aplaudir, generosamente, quando há mérito.” (CABRAL, 2001, p. 124)

Assim, o Auditório ia se firmando enquanto espaço artístico-pedagógico, sendo considerado o verdadeiro teatro de Aracaju. A sua existência não apenas estimulou aqueles que eram apaixonados por desfrutar dos espetáculos, mas incentivou, também, a experiência do fazer artístico. Em 1961 foi organizado um grupo de teatro no Colégio. O Teatro de Estudantes do Colégio Estadual de Sergipe – TECES foi iniciativa do Professor Caetano Quaranta, farmacêutico formado pela famosa Escola de Farmácia de Ouro Preto/MG, que conta assim essa experiência:

Lá em Minas me chamaram para fazer uma peça e eu gostei, quando eu cheguei aqui reuni alguns elementos e fundei o grupo e juntos nós apresentamos muitas peças como o Auto da compadecida de Ariano Suassuna, Minha Sogra é da Polícia, e muitas outras, no T.E.C.E.S. eu era o fundador, o diretor, o maquiador e ainda atuava. Em uma das apresentações do clássico Auto da Compadecida, aconteceu algo inusitado, a gente usava ovo com tinta para simular o sangramento em uma cena que um dos personagens leva uma facada, então eu lembro que na hora dessa cena, certa vez o menino que estava interpretando virou pra mim e disse que ovo tinha caído, lembro claramente do desespero dele dizendo que não estava com o sangue e foi um auê, no final a gente resolveu sem o público perceber, mas às vezes a gente tinha uns perrengues mesmo. Mas foi uma época

maravilhosa das nossas vidas (QUARANTA In: COLEGAS DO ATHENEU, 2018).

Segundo o blog “Colegas do Atheneu – memória Sergipense” (2018), o TECES promovia a releitura de grandes peças do cenário nacional para a sociedade sergipana. O público era formado, principalmente, por familiares e amigos dos alunos. O blog traz o depoimento de João Bosco Santana de Moraes, um dos integrantes do TECES, que foi aluno do Colégio entre 1960 e 1962:

No segundo ano do científico, Caetano que era professor de química já falava dessa vontade de criar um grupo de teatro, mas não tinha achado ainda quem quisesse participar. Nós éramos uma turma já de 16, 17 anos e ele viu na gente uma galera boa pra montar o teatro. A primeira apresentação foi no dia dos estudantes, a peça escolhida foi “O auto da compadecida” de Ariano Suassuna. Já em maio, junho antes das férias a gente começou a ensaiar, para apresentar em 11 de agosto de 1961. Lembro que com essas peças a gente viajou pros interiores participando de outras apresentações e também participamos, em Maceió, de um festival que teve lá (MORAIS In: COLEGAS DO ATHENEU, 2018).

E o encarte da peça trazia mensagem sugestiva:

Figura 10- Encarte do espetáculo “O Auto da Compadecida”



Fonte: COLEGAS DO ATHENEU, 2018

O mesmo ex-aluno avalia a experiência:

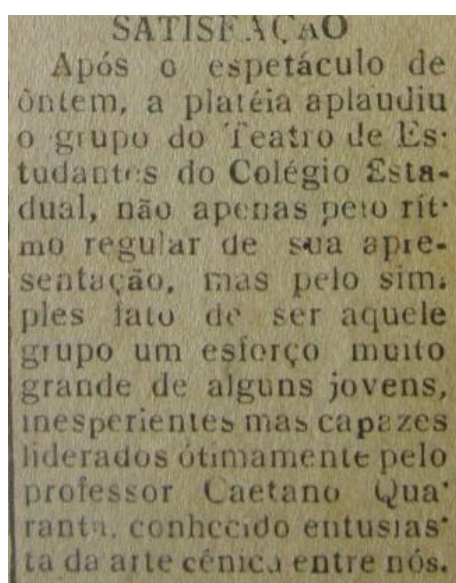
Era muito bom participar, a gente não ganhava nada em dinheiro, mas nos divertíamos muito. Lembro que Caetano criou uma carteirinha para os alunos serem associados do TECES, cada um pagava um valor, simbólico que era o que nós estudantes pobres podíamos pagar e no dia das apresentações esses associados não pagavam o ingresso. Esse valor arrecadado a gente usava para manutenção das coisas do teatro mesmo (MORAIS In: COLEGAS DO ATHENEU, 2018).

Já o fundador, Professor Caetano Quaranta, agora com 85 anos, também relembra:

Fundei o grupo e juntos nós apresentamos muitas peças como o Auto da compadecida de Ariano Suassuna, Minha Sogra é da Polícia, e muitas outras, lá eu era o fundador, o diretor, o maquiador e ainda atuava. Mas foi uma época maravilhosa das nossas vidas e mostrei pros meninos uma nova experiência que com certeza contribuiu muito para suas vidas (QUARANTA in COLEGAS DO ATHENEU, 2018).

A bem-sucedida experiência do TECES rendeu nota de jornal, reconhecendo o esforço dos participantes:

Figura 11- Nota em jornal sobre apresentação do TECES



Fonte: COLEGAS DO ATHENEU, 2018

Outro componente do elenco de O Auto da Compadecida foi Chico Varela, que, como já mencionado, concedeu depoimento para este trabalho. Além de lembrar o nome de cada ator e personagem em cena, Varela relembra a importância da figura do professor Caetano Quaranta, que considera pouco reconhecida entre os estudiosos de teatro em Sergipe. Sobre a montagem, relembra: “Fizemos um tremendo sucesso” (VARELA, 2018).

Além do Teatro de Estudantes do Colégio Estadual de Sergipe, outros grupos existiam à época, em Aracaju, como o TAS – Teatro de Amadores de Sergipe, o TEGEBÊ – Teatro Gato de Botas, o TES – Teatro Estudantil de Sergipe e o TIM – Teatro Infantil de Modelo (VARELA, 2016). Em 29 de abril de 1962 reuniram-se Caetano de Almeida Quaranta, pelo TECES, Clodoaldo de Alencar Filho, pelo TEGEBÊ, Aglaé d'Ávila Fontes, pela Escolinha de Música e Maria José Oliveira, pelo

TIM, com o representante da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT) para criar uma Associação de Teatro Amador de Sergipe. João Moreira Silva, da SBAT, foi escolhido Presidente da Associação.

Daí por diante o Auditório-Teatro vai se consolidando como palco oficial de Aracaju, abrigando, além dos apreciadores de arte, aqueles que decidem vivenciá-la, sendo incentivo, portanto, à formação de novos artistas no Estado. Não era raro ver a casa cheia, fosse para apreciar as grandes montagens vindas de fora, fosse para apoiar os artistas locais. Segue abaixo o registro de uma apresentação da Escolinha de Música da professora Aglaé Fontes, no Auditório-Teatro, nos anos 1960:

Figura 12- Plateia e mezanino do Auditório do Colégio Atheneu Sergipense



Fonte: Acervo pessoal de Aglaé Fontes, s/d.

Se Lanfranchi diz que “os teatros brasileiros têm sido, ao longo de sua evolução, os depositários de importante parte da cultura urbana das cidades nas quais foram construídos, e frequentemente adquirem com elas uma personalidade que os torna inalienáveis de seu contexto” (2002, p. 21), é impossível falar do Teatro Atheneu sem falar do Colégio Atheneu Sergipense, dos acontecimentos que levaram à sua construção, da grandiosidade de uma instituição de ensino que merecia um auditório deste porte.

Segundo Alves (2005, p. 78), “o Atheneu Sergipense foi construído dia a dia, pedra a pedra, dentro da paisagem cultural e humana de Aracaju, por professores, diretores, alunos, corpo administrativo, por todos aqueles que sentiam orgulho e vaidade de pertencer à sua plêiade”. Tal orgulho fica claro nas palavras de Ilma Fontes (1993):

O Atheneu em sendo um colégio público, era o que havia de maior respeito na época, pois a gente já teve um tempo de Brasil sério, um tempo que escola pública era dignificada. A gente tinha um orgulho imenso de ser aluno do Atheneu. Eu usava aquela farda nos desfiles de 7 de setembro com um orgulho enorme. Sempre chorava quando passava no palanque e tal (In: SANTOS, 2004).

Atualmente, o Colégio encontra-se em uma reforma que já dura alguns anos, sem previsão de encerramento, após ter passado três anos completamente fechado (MARTINS, 2018)<sup>5</sup>, relegando o prédio, a praça e a vizinhança ao silêncio e ao vandalismo. Os alunos foram deslocados para outros endereços, assim como o Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense – CEMAS, que guarda os tesouros de sua memória, como documentos, mobiliários e fotografias, entre outros. Sobre o descaso com o prédio, assinala Terezinha Oliva (2017):

Assim, o prédio do Atheneu vai se tornando invisível à cidade, porque já não a orna, não a mobiliza, não a movimenta. Já não é um espaço dinâmico, referência material de saber, de vida, de conquistas, lugar de lembranças que orgulham e símbolo de futuro para os atuais estudantes, transferidos para outros espaços. Muitos deles sairão sem qualquer ligação com aquele lugar referencial. No futuro, serão apenas ex-alunos “expatriados” do Atheneu.

Essa, inclusive, é uma das razões que levou a localização do Teatro a ser registrada como ponto negativo em vários dos depoimentos colhidos para esta monografia. Sem a movimentação do Colégio, a praça está relegada às atividades comerciais, tornando o local ermo e silencioso à noite, dando espaço à violência e marginalidade. A escassez de vagas para estacionamento foi lembrada diversas vezes e dificulta, principalmente, o acesso dos ônibus que conduzem as crianças do Projeto Escola, conforme lembrado por Valéria Abreu (2018)<sup>6</sup>. O acesso via ônibus comum também não é dos mais fáceis, requerendo, na maioria dos casos, deslocamentos para a avenida Barão de Maruim ou para a Ivo do Prado. É preciso lembrar, todavia, o contexto que levou à instalação do Teatro naquela região, que se hoje agoniza atenção do poder público, no passado, pulsava.

<sup>5</sup> Salete Martins. Depoimento colhido em 11 de julho de 2018.

<sup>6</sup> Valéria Abreu. Depoimento colhido em 16 de agosto de 2018.

Faz-se necessário, portanto, cobrar às autoridades o devido zelo para com o patrimônio histórico e cultural da cidade, bem como difundir a sua importância nos contextos do passado e do presente. Nesse sentido, escreveu Thétis Nunes, em ocasião do aniversário de cinquenta anos do Teatro Atheneu:

Meio século é decorrido desde aquela bela noite de março. Torna-se imprescindível lembrá-la para que as novas gerações conheçam a contribuição do Auditório à vida cultural de Sergipe ao oferecer condições materiais para que seus habitantes pudessem usufruir grandes momentos de cultura e arte (In SECULT, 2004).

Sendo assim, preservar a memória da principal casa de espetáculos do estado de Sergipe é preservar a história do teatro, da dança, da música e de tantas outras artes que usufruíram de suas dependências nos últimos sessenta e cinco anos. Documentos, fotos e história oral devem ser resgatados e conservados, para que seja possível, inclusive, compreender o atual cenário das artes em Aracaju e em todo Sergipe.

### CAPÍTULO 3: O TEATRO ATHENEU

Consolidado também como casa de espetáculos a serviço de Aracaju, e não apenas do Colégio, o Auditório do Atheneu Sergipense galga um lugar de destaque na cidade, especialmente após a decadência do Cine Rio Branco, que acabou sendo relegado a filmes de pornografia, até o completo encerramento das atividades. Muitas são as memórias construídas em torno do prédio do Atheneu. Algumas ainda ecoam em suas paredes, outras estão guardadas nos corações de quem as viveu, mas todas formam um retrato da importância daquele prédio, tanto como espaço físico, quanto como espaço social. São essas memórias que este trabalho pretende resgatar, e o faz em parte, contando com a generosa colaboração de personalidades importantes para a cultura sergipana, além dos documentos que foi possível consultar, em arquivos físicos ou virtuais.

Inaugurado em 1954 e concebido como auditório do Colégio de Sergipe, foi nos anos 1980 que o espaço veio a se tornar o Teatro Atheneu. Essa transição aconteceu durante o primeiro governo de João Alves Filho, após o Teatro ter ficado fechado por alguns anos. Os indícios levam a crer que foi em 06 de outubro de 1984 (Gazeta de Sergipe, 1984) que o Auditório passou a ser o Teatro Atheneu, quando foi reaberto com espetáculo “O Beijo no Asfalto”, que contava com ninguém menos que José de Abreu no elenco, direção de Buza Ferraz e iluminação concebida por Jorginho de Carvalho e operada por Maneco Quinderé (BENEVIDES, 2015, LINS, 2018). Na Gazeta de Sergipe de 17 de março de 1985, fica claro que havia reivindicações pela reabertura do Teatro e para que ele tivesse administração própria:

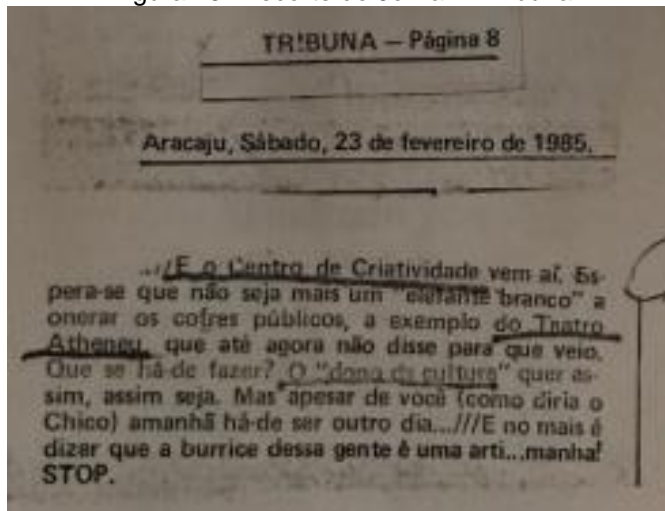
No final do ano de 1983, a classe artística sergipana reuniu-se e encaminhou um abaixo-assinado ao Governador, pedindo que as portas do Teatro Atheneu fossem reabertas. João Alves Filho respondeu aos artistas com a promessa de que em 1984, não somente seriam reabertas as portas do Teatro Atheneu, mas o povo de Sergipe teria um teatro com todas as condições de abrigar produções as mais sofisticadas, nacionais e internacionais. Menos de um ano após essa promessa, o Teatro Atheneu abria suas portas, com capacidade de 1.000 lugares, som, luz e bem de acordo com as reivindicações, uma administração própria. O nosso folclore, a nossa música, o teatro, as artes plásticas e a dança, necessitam de espaços preparados para oferecer condições de um crescimento cada vez maior, espaços programados para ajudar o sergipano a aprimorar os seus conhecimentos.

Esse parece ter sido um momento frutífero para a cultura sergipana, pois também há menções nos jornais locais à criação do Centro de Criatividade, da TV Educativa e da FUNDESC – Fundação Estadual de Cultura, esta em 27 de março de



1985. Posteriormente, já em fevereiro de 1987, é criada a Secretaria de Estado da Cultura – SECULT. A imprensa, no entanto, não livrou o Teatro, nem o governo, de críticas, como é possível ver no jornal A Tribuna, de 23 de fevereiro de 1985:

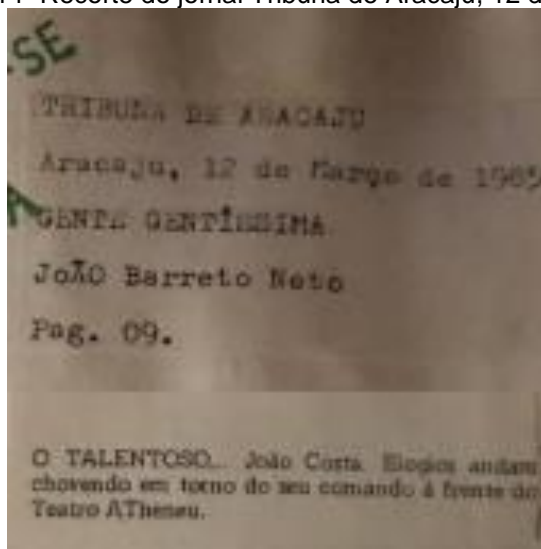
Figura 13- Recorte do Jornal A Tribuna



Fonte: Arquivo do Teatro Atheneu

As opiniões, aparentemente, se dividiam, visto que no mês seguinte do mesmo ano, era divulgada a seguinte nota: "O TALENTOSO"... João Costa. Elogios andam chovendo em torno do seu comando à frente do Teatro Atheneu", como é possível verificar na imagem abaixo:

Figura 14- Recorte do jornal Tribuna de Aracaju, 12 de março de 1985



Fonte: Arquivo do Teatro Atheneu

Ainda sobre a abertura do Teatro, vale salientar que o seu nome oficial, em registro, ficou sendo "Teatro Atheneu Governador Arnaldo Rollemberg Garcez" (INFONET, 2008), em homenagem ao seu fundador, que inclusive esteve presente na



cerimônia de inauguração, em 1984, e descerrou a placa junto ao governador João Alves Filho (Gazeta de Sergipe, 1984). Até hoje é possível encontrar o seu nome gravado na fachada do prédio, em grandes letras de metal. Embora sua oficialização como Teatro tenha ocorrido há apenas 35 anos, muito antes disso a sociedade já se apropriava do Atheneu, especialmente por influência da SCAS, que fez dele palco para muitas noites festivas e solenidades, como o fazia, anteriormente, com o Auditório do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

Reunindo o que existia de mais expressivo na vida cultural sergipana, o Atheneu foi palco de grandes acontecimentos, muitos dos quais estão registrados em jornais de época, outros, mais recentes, em sítios na internet, e outros tantos, nas memórias dos artistas e das plateias que os prestigiaram. Aqui estão elencados apenas alguns deles, como forma de registrar e honrar a história deste espaço. Os escritos de jornais, revistas, cartilhas e cartazes foram encontrados na Biblioteca Pública Epiphânio Dória, no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, na Secretaria de Cultura, no próprio Teatro e no Arquivo Público Municipal de Aracaju, onde, além de outros documentos, encontra-se o rico arquivo da SCAS.

Conforme citou o historiador Luiz Antônio Barreto (2004), “os jornais são fontes preciosas de documentos, sempre fornecendo dados, fatos, opiniões, perfis, que podem servir de roteiro ao conhecimento ampliado da realidade”. Durante a pesquisa para este trabalho, foram encontrados, para surpresa inclusive da direção do Teatro, diversos recortes de jornais, nos quais o Atheneu é citado. Armazenados em caixas de arquivo, dentro de um dos armários situados na sala localizada abaixo da escada do foyer do teatro, os recortes encontravam-se, em sua maioria, fichados com a data e o local da publicação, sendo, majoritariamente, datados dos anos de 1985, 1986, 1987 e 1988.

Alguns deles estão contidos neste capítulo, porém a maioria será exposta nos anexos do trabalho, como forma de expor a escrita da época, a opinião da imprensa sobre os espetáculos e as companhias que usufruíram do palco em questão. Analisá-los oportunizou uma verdadeira viagem pela história do Atheneu e da arte em Sergipe.

Um dos documentos encontrados foi o Jornal Encenação, criado pela própria equipe do Teatro e colaboradores, publicado pela primeira vez em dezembro de 1997. Numa clara tentativa de preservação da memória do Atheneu, o jornal traz uma matéria sobre os 43 anos de história do Teatro, na qual é relatada a escassez de material adequado para se realizar uma exposição comemorativa pelos 44 anos de

inauguração do espaço, que viria a acontecer no ano seguinte, assim como mostra a necessidade de existência de uma equipe permanentemente responsável pelo registro dos acontecimentos deste e de outros espaços culturais, denunciando a falta de importância dada à manutenção da memória de tais eventos. O Jornal afirmava ter como metas a reconstituição do arquivo do Teatro, a confecção de um catálogo/registro sobre as informações coletadas e a montagem de

uma grande exposição que ocupará todas as dependências do Teatro, indo do hall ao palco, com os conteúdos pesquisados compostos pelos textos de atores, poetas, músicos, cenógrafos, etc., falando das suas passagens pelo Atheneu, tudo sem esquecer de ressaltar a linguagem e os costumes da época em que foram vivenciadas as experiências (Jornal Encenação, 1997).

Não foram encontrados, no entanto, registros da realização de tais empreitadas, nem mesmo uma nova edição do Jornal. Na terceira página desta mesma edição, é possível encontrar uma ideia que coaduna com o objetivo deste trabalho: “É fundamental centralizar essas informações, reconhecer o caráter e a importância que o Teatro Atheneu encerra para a vida cultural do Estado”. Foi, ainda, o Encenação, quem resgatou a informação sobre a passagem do então candidato à Presidência da República, Juscelino Kubitschek, por Aracaju, o qual teria utilizado o Atheneu, nesse caso, ainda Auditório, como cenário para sua campanha política.

O seu uso como espaço político não se restringiu a JK. Segundo os jornalistas e também atores Anne Samara Torres e André Teixeira (2010), “nas décadas de 60 e 70, o Teatro Atheneu foi palco de resistência do movimento estudantil e político contra a ditadura”, servindo até “de QG dos estudantes secundaristas”, como cita a também jornalista Suyene Correia (2012), em seu blog cultural, Bangalô Cult. Essa passagem também é lembrada pela atual diretora do teatro, Salete Martins, em seu depoimento para este trabalho: “O Atheneu foi fechado várias vezes para acontecer reuniões políticas contra a repressão, contra a ditadura. Parece que as pessoas ficaram até dormindo aqui dentro”. Em seu discurso durante a reinauguração do Atheneu, ocorrida em 2012, o prefeito de Aracaju, Edvaldo Nogueira, ainda recorda: “Foi aqui que em 1968, os jovens do movimento estudantil realizaram reuniões, manifestações e disseram não à ditadura” (Prefeitura de Aracaju, 2012). Chico Varela (2018), por sua vez, cita nomes envolvidos com o movimento: “Wellington Manguiera, (João Augusto) Gama, Mário Jorge, Polito”.

Chegado o período da abertura política, o Atheneu volta a ser palco de grandes espetáculos locais e nacionais. O Jornal da Cidade de 22 de janeiro de 1985 anuncia

apresentações de Tônia Carrero no “maior papel da sua vida”, em “A Divina Sarah”, a ocorrer nos dias 01, 02 e 03 de fevereiro:

Figura 15: Recorte do Jornal da Cidade



Fonte: Arquivo do Teatro Atheneu

Ainda naquele ano, os jornais anunciam a chegada de “Feliz Ano Velho” ao palco do Atheneu, contando com direção de Paulo Betti e atores como Marcos Frota, Denise Del Vecchio e Lilia Cabral no elenco:

Figura 16: Recorte do Jornal de Sergipe, 09 de maio de 1985



Fonte: Arquivo do Teatro Atheneu

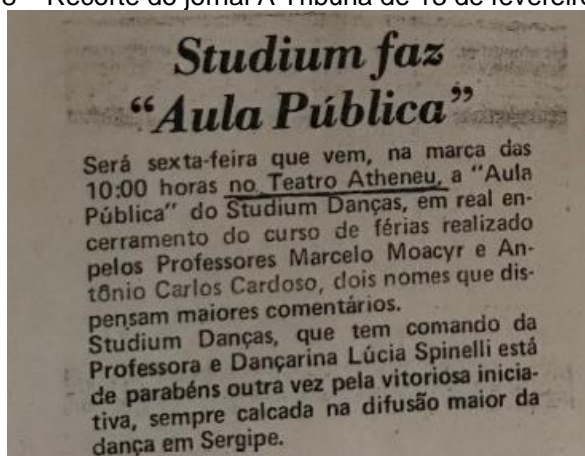
Figura 17: Recorte do jornal Folha da Praia, 11 a 18 de maio de 1985



Fonte: Arquivo do Teatro Atheneu

Também em 1985, a Studium Danças, escola da bailarina Lu Spinelli, grande responsável pela difusão da dança em Sergipe, utilizava o palco do Atheneu para realizar uma aula pública:

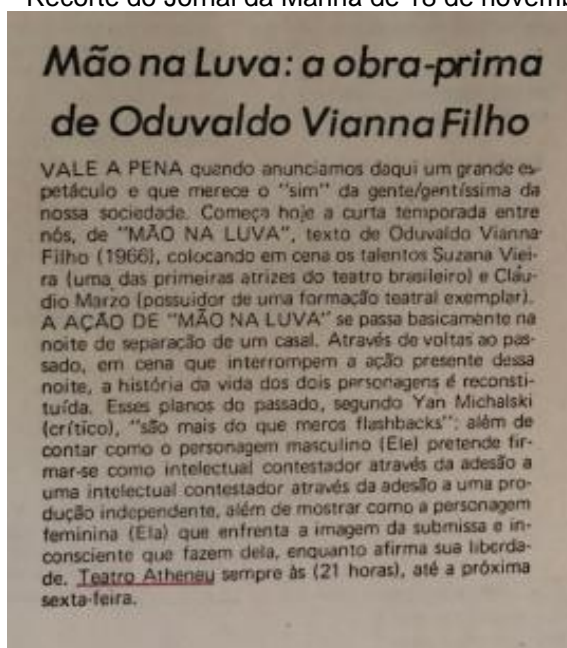
Figura 18 – Recorte do jornal A Tribuna de 13 de fevereiro de 1985



Fonte: Arquivo do Teatro Atheneu

E Oduvaldo Vianna Filho, o Vianninha, era encenado por Suzana Vieira e Cláudio Marzo, em 1986:

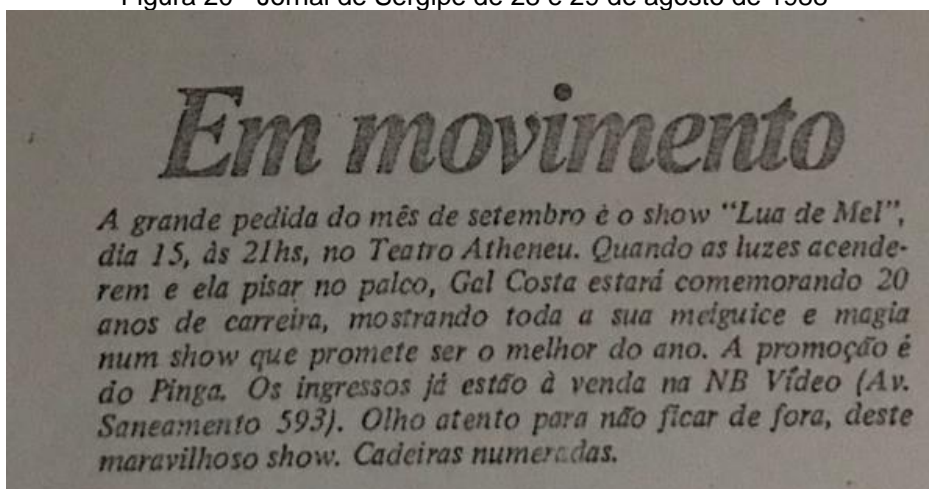
Figura 19 – Recorte do Jornal da Manhã de 18 de novembro de 1986



Fonte: Arquivo do Teatro Atheneu

Em 1988, Gal Costa comemorava 20 anos de carreira com o show "Lua de Mel", que prometia ser o melhor do ano:

Figura 20 - Jornal de Sergipe de 28 e 29 de agosto de 1988

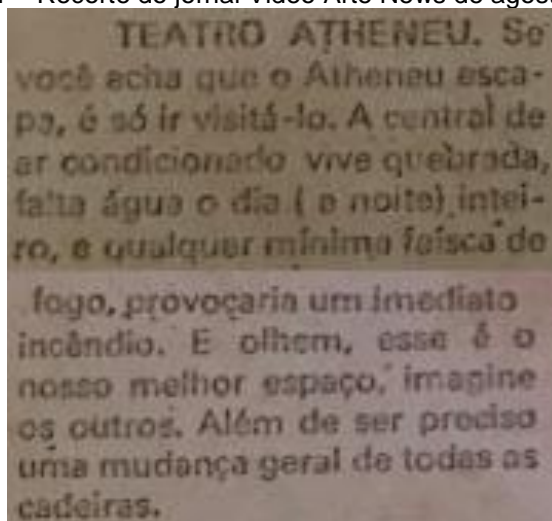


Fonte: Arquivo do Teatro Atheneu

E assim, Aracaju gozava de intensa programação cultural, no palco do Atheneu. O teatro, no entanto, ia mostrando novos sinais de degradação, como é possível ver no artigo intitulado "Teatros às Moscas", do ator e poeta Antônio Campos, publicado no jornal Vídeo Arte, em agosto de 1988, cujo recorte encontra-se abaixo:



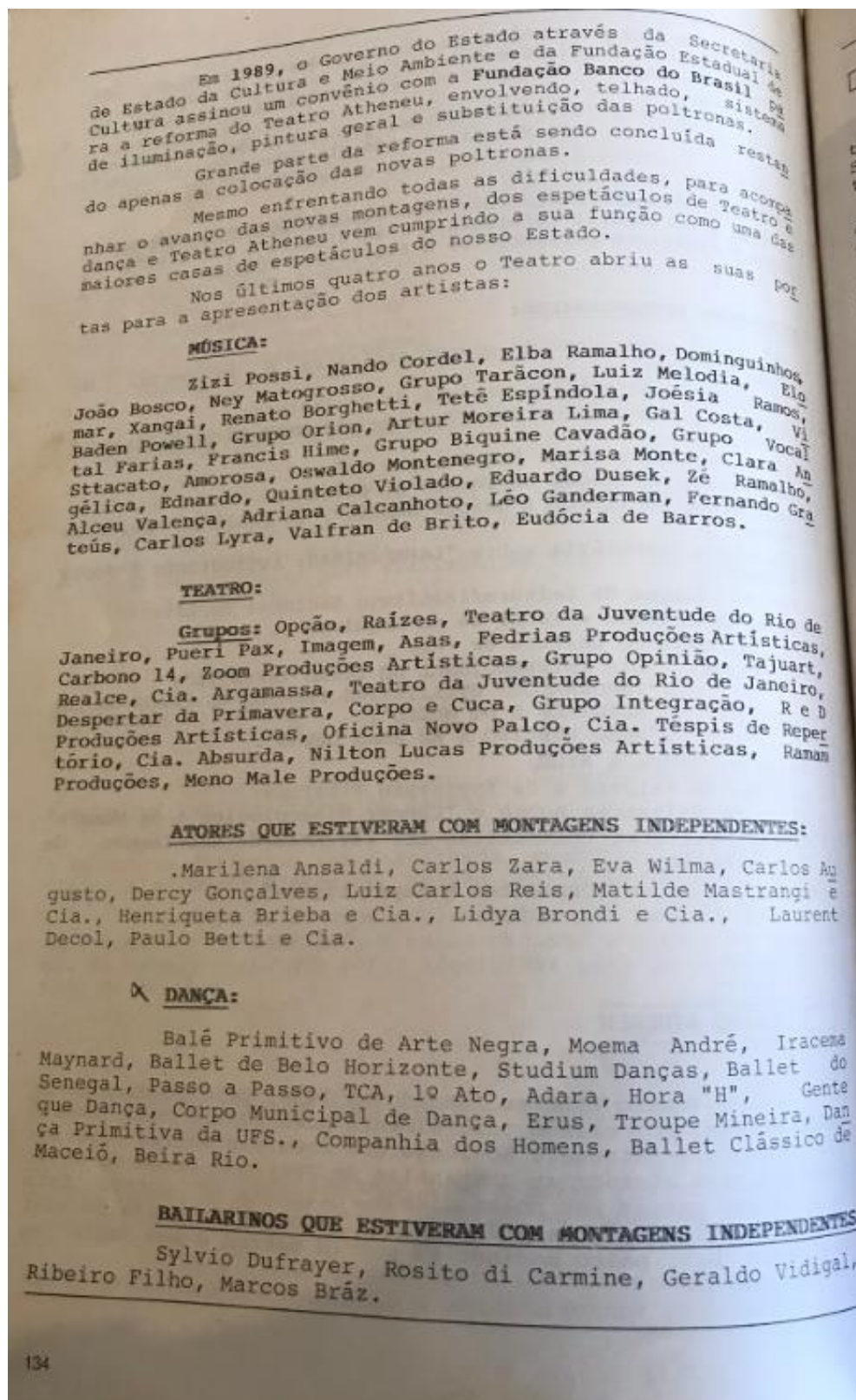
Figura 21 – Recorte do jornal Video Arte News de agosto de 1988



Fonte: Arquivo Público Municipal

Em 1991, a FUNDESC publica o relatório “Nos caminhos da cultura”, elencando os eventos por ela realizados na gestão da diretora Aglaé Fontes, que tem início em 1988. Nele, é citado um convênio com a Fundação Banco do Brasil em 1989, para realizar uma nova reforma no Atheneu, além de serem elencados artistas de diversas áreas, que passaram pelo teatro entre 1988 e 1991. A lista, como é possível verificar na próxima imagem, é grande e variada:

Figura 22 – Recorte do relatório “Nos Caminhos da Cultura”. FUNDESC, 1991



Fonte: Biblioteca Pública Epiphânio Dórea

Esta também é a primeira publicação, entre as consultadas, que descreve a estrutura do Teatro, embora não faça menção ao mezanino e nem aos sanitários: “O

Teatro dispõe de 957 lugares, 04 camarins, sala de administração, bar, palco medindo 09 por 12 metros e uma ampla sala de espera” (FUNDESC, 1991).

A reforma de 1989 também é citada em matéria de maio daquele ano, do jornal O Que, que traz entrevista com o então diretor do Teatro, Izaac Galvão.

Figura 23- Recorte do Jornal O que de 20 a 26 de maio de 1989



Fonte: Arquivo Público Municipal

Valéria Abreu, uma das personalidades entrevistadas para esta monografia, trabalhou durante 28 anos no Atheneu, tendo iniciado suas atividades por lá em 1988, justamente a convite de Izaac Galvão. Permaneceu exercendo funções diversas até que, em 2007, veio a tornar-se diretora do Teatro, cargo que ocupou até 2011. Em seu depoimento, ela relembra as diversas reformas pelas quais o edifício passou, inclusive as já mencionadas:

A primeira reforma que teve no teatro foi em 1984, depois de trinta anos. Todas as que vieram depois, eu tava lá. Eu tava na de 1990, 91, 92 e a que eu tava administrando o teatro. Em 90, foi (mudado) todo o material cênico, tipo iluminação, toda a parte cênica. Em 91, restaurou o telhado e a pintura interna e externa. Em 92, mudaram as poltronas, que eram aquelas poltronas de madeira. Depois, veio a grande, [...] foi a maior reforma.



Apesar das melhorias realizadas no Atheneu, a sociedade continuava a reivindicar novos espaços, como é possível ver no artigo de Vieira Neto, de 1989, intitulado “Quando teremos o Teatro Municipal?” e no artigo intitulado “Casa de Espetáculo”, de 1990, ambos publicados no Jornal de Sergipe. Vieira Neto chega a mencionar a existência de um projeto para um teatro municipal, que seria localizado na Coroa do Meio, mas lamenta saber que o mesmo não sairia do papel: “tudo voltou à estaca zero”. As imagens dos recortes de jornais contendo os artigos encontram-se nos anexos deste trabalho. Tais reivindicações eram pertinentes, visto que, em tempos de reforma, a cidade ficava sem o Atheneu, prejudicando o cenário cultural.

Ainda em 1997, o ator e diretor Lindolfo Amaral alertava que O Atheneu era “o único espaço na capital sergipana capaz de atender aos apelos, tanto dos artistas para a realização dos seus espetáculos, quanto da própria comunidade, quando necessita ali realizar suas programações de cunho social (AMARAL In: Jornal Encenação, 1997).

Embora, de modo geral, a estrutura física do edifício do Teatro seja a mesma dos tempos de Auditório, muitas mudanças foram realizadas, no sentido de modernizá-la e adequá-la às novas exigências de segurança e conforto para a população. De todas as reformas já mencionadas, a que possui descrição mais precisa é também a maior delas, ocorrida entre agosto de 2008 e março de 2012. Após ter o seu teatro cativo fechado por mais de três anos, a expectativa da população e, especialmente, da classe artística pela entrega do Teatro era grande, e, por isso, a sua reinauguração está bem documentada em diversas fontes, inclusive no endereço virtual oficial do Teatro Atheneu.

O projeto de reforma, realizado em duas fases e executado pela CEHOP – Companhia Estadual de Habitação e Obras Públicas, trouxe melhorias como a substituição do sistema de ar-condicionado; reforma da bilheteria, do hall de entrada e da administração, pintura interna e externa, além do assentamento de carpete na parte da plateia. A cobertura do Teatro foi renovada e o assoalho do palco e o telhado também foram trocados. O projeto elétrico foi refeito em detalhes, o piso de mármore da escadaria de entrada também foi trocado e a parte hidráulica, sanitária e de esgotamento, que era interligada ao Colégio Atheneu desde a criação do Auditório, foi

segregada por completo (Prefeitura de Aracaju, 2012; CORREIA, 2012; Teatro Atheneu, 2018; MARTINS, 2018; ABREU, 2018).

O Teatro passou também por adaptações para atender às pessoas com necessidades especiais, através de adequação dos sanitários, construção de rampas, reserva de espaço para cadeirantes e assentos específicos para pessoas obesas. Desta forma, o Atheneu passou a contar com 800 lugares, e não mais 900, como costumava ser. As poltronas, no entanto, não foram trocadas, tendo apenas a sua cobertura renovada. Também foi adquirida uma nova vestimenta cênica (cortinas, carpetes e similares), nova maquinaria de palco um moderno sistema de iluminação e sonorização. Um imponente lustre de cristais foi instalado no foyer do teatro, e, na parte externa, painéis em homenagem a grandes nomes das artes cênicas em Sergipe, todos já falecidos, convidavam a população a entrar no mundo mágico do teatro: Luiz Carlos Reis, que foi presidente do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado de Sergipe - SATED/SE, Valdice Teles, que foi integrante do Grupo Imbuça por 25 anos e também dá nome à escola de artes do município, Otto Cornélio, que lutou pela construção de um teatro no bairro Siqueira Campos, Mariano Antônio, ator, bailarino e pesquisador cultural e César Macieira, que também foi diretor do Atheneu (Prefeitura de Aracaju, 2012; CORREIA, 2012; Teatro Atheneu, 2018; ABREU, 2018; MARTINS, 2018).

Figura 24- Teatro Atheneu na noite de reinauguração, em 05 de março de 2012



Fonte: CORREIA, 2012.

O então governador Marcelo Déda, ex-aluno do Colégio Atheneu Sergipense, classificou como “uma obra pela qual, sem dúvida alguma, valeu a pena esperar” (Secretaria de Estado da Comunicação Social, 2012), a reforma, que teve custo

aproximado de 3 milhões de reais, passou por atrasos que conduziram a entrega do Teatro para o dia 05 de março de 2012. Na solenidade, que também começou com um atraso de quase duas horas, estava presente a nata da cultura sergipana, que pôde prestigiar apresentações dos grupos “A Tua Lona” e “Pernas de Pau”, da Cubos Cia. de Dança e do quarteto de cordas da Orquestra Sinfônica de Sergipe, além da leitura dramática da peça “A Última Sessão de Teatro”, pelo ator sergipano Harildo Déda (Agência Sergipe de Notícias, 2012).

Figura 25- Prefeito Edvaldo Nogueira, Vice-governador Jackson Barreto, Governador Marcelo Déda e Secretária de Cultura Eloísa Galdino no descerramento da placa de reinauguração do Teatro Atheneu, em 05 de março de 2012



Fonte: Prefeitura de Aracaju, 2012

À ocasião, Marcelo Déda recordou, ainda, que recebeu seu primeiro prêmio de poesia falada no palco do Atheneu, em 1979, com o poema ‘Vem Comigo’. E afirmou:

Esse teatro é uma janela, em que quem vem de fora olha para dentro da cultura sergipana, da produção cultural, da música, da dança e do teatro. Mas, é também uma janela para fora, para o mundo, para que os sergipanos possam conhecer artistas, peças, trabalhos produzidos pelo mundo inteiro, pois a cultura tem a necessidade de ser universal, mesmo quando se canta sua própria aldeia (DÉDA, 2012, In: Agência Sergipe de Notícias, 2012).

Antes de ter sido fechado para a reforma, o Atheneu foi palco da aclamada peça “O Senhor dos Labirintos”, encenada pelo Grupo Imbuaça, ainda em 2008 (TORRES E TEIXEIRA, 2010). Após a reinauguração, seria o grupo Raízes o primeiro a fazer uso do novo palco, com os espetáculos “Crack- Quando Morrem os Sonhos” e “As Guloseimas da D. Cária no Planeta Boca” (CORREIA, 2012), marcando o

Atheneu, mais uma vez, como casa do teatro sergipano. É preciso lembrar que a população aracajuana não ficou sem um teatro nesse ínterim, já que, em 17 de março de 2002, aniversário de Aracaju, foi inaugurado o grandioso Teatro Tobias Barreto, comportando 1.328 lugares (Site oficial do Teatro Tobias Barreto – SECULT). Além disso, a cidade contava, também, com um teatro de menor porte, o Lourival Baptista, que, assim, como o Atheneu, foi concebido como auditório para auxiliar nas atividades extraclasse do Instituto Rui Barbosa, mas em 2003, passou por uma reforma que o transformou oficialmente em teatro a serviço da cidade (ASCOM SECULT, In Expressão Sergipana, 2016).

Sobre a grande reforma do Atheneu, relembra Valéria Abreu (2018): “Foi o dia mais emocionante da minha vida. Pra mim foi assim, missão cumprida”. Tamanha emoção é justificada pelo árduo trabalho da equipe durante a obra: “Essa questão da adequação para deficientes foi complicadíssima pra gente fazer, porque o Teatro é antigo. Eles queriam que a gente fizesse uma adequação no palco, aí a gente colocou uma plataforma”.

Dessa forma, o Teatro Atheneu passou a contar com a seguinte estrutura: “800 poltronas, divididas entre plateia e mezanino, quatro camarins, sala de ballet e foyer que pode ser utilizado para exposições. O espaço cultural conta ainda com sala de exposição e painel pintado pelas mãos do grande artista plástico sergipano Jenner Augusto” (Site Oficial do Teatro Atheneu - SECULT). Jenner, um dos nomes importantes do Modernismo brasileiro, pintou o painel em 1962, para o restaurante do Hotel Palace de Aracaju, representando a chegada da Família Real portuguesa ao Brasil, em 1808. Para ser transferido para o Atheneu, em 2004, o painel foi dividido em diversas partes e um restaurador foi contratado para deixá-lo como era antes (Instituto Marcelo Déda, 2012, ABREU, 2018). O Teatro conta, ainda, com um abrigo para o seu histórico piano Steiner, que ainda vem a ser o dos tempos áureos da SCAS (FONTES, 2018). Alocado inicialmente no Instituto Histórico, hoje o piano, ainda utilizado em recitais, é encontrado neste abrigo, ao fundo do palco.

Esta, no entanto, não foi a última reforma pela qual passou o Atheneu. Durante o período de levantamento de dados para esta pesquisa, até meados de 2018, o mesmo encontrava-se em reforma, o que implicou mais um desafio para o acesso ao prédio, aos seus documentos e à sua diretoria. Em junho e julho de 2018, todavia, foi

possível adentrar ao espaço e, na ocasião, foi colhido o depoimento da sua diretora, Salete Martins. Sobre a reforma de 2017/18, cujo objetivo foi atender ao plano de prevenção e combate a incêndio do Corpo de Bombeiros do Estado, foi publicada matéria em 23 de novembro de 2017, no site da Secult:

Nesta primeira fase, será realizada a instalação e automação das bombas, hidrantes, detectores de fumaça e do sistema de proteção contra descargas atmosféricas (SPDA). Também está sendo realizada a pintura da faixa da (sic) do espaço, manutenção das lonas de homenagem a artistas e troca da porta principal.

A segunda etapa da obra, que também já foi autorizada pelo Governo do Estado, contemplará melhorias voltadas para o interior da casa de espetáculos. Entre as melhorias estão o tratamento de fissuras e infiltrações, pintura interna, revisão e polimento do piso, rodapé, além da reforma dos sanitários que inclui o revestimento cerâmico, louças, metais, espelhos entre outros itens. [...] Os recursos são do Tesouro do Estado e totalizam R\$ 355.050,21 (SECULT, 2017).

É importante mencionar que esta não é uma pesquisa de cunho arquitetônico. As informações aqui contidas objetivam registrar a estrutura da qual o Teatro Atheneu dispõe, sem discutir seus caracteres técnicos. Dados como dimensões e equipamentos existentes, fornecidos pelo site oficial do Teatro, constam nos anexos deste trabalho.

A história do edifício é, sem dúvida, fundamental para compreender o desenvolvimento e a importância dada às artes em Sergipe. Contudo, não se pode esquecer que tais intervenções ocorreram em prol de uma melhor recepção do público e dos artistas que por ali passaram. Logo, a verdadeira história do Atheneu é muito mais do que comportam as suas paredes, como bem descreve Luiz Eduardo Oliva, em artigo publicado no Jornal Opinião, em comemoração aos cinquenta anos do Atheneu:

O velho teatro supera o cimento que o edifica para ser guardião das emoções. Em um momento a fantasia parece realidade, em outro se assassinam as ilusões. Mas as cortinas do velho Atheneu cumprirão o seu incansável sisifismo de voltar a se abrir em infindáveis alegorias porque o espetáculo não pode parar (OLIVA, 2004).

Também em comemoração aos cinquenta anos do Teatro, foi confeccionada uma cartilha pela Secretaria de Estado da Cultura, encontrada na Biblioteca Pública Epiphânio Dórea. Em mais uma boa iniciativa de manter viva a memória do Teatro, a cartilha traz, além de registros de cartazes e espetáculos realizados no Teatro, artigos de João Costa e Maria Thétis Nunes, nomes fundamentais à cultura sergipana, conforme já mencionado, e que hoje, falecidos, não mais se encontram acessíveis.

Esta é mais uma evidência da importância de se registrar memórias, já que estas são levadas junto com seus guardiães. João Costa, inclusive, foi eleito por BENEVIDES (2015) como “relicário da memória teatral sergipana”, assim como a professora Aglaé Fontes, que foi uma das entrevistadas para a confecção deste trabalho.

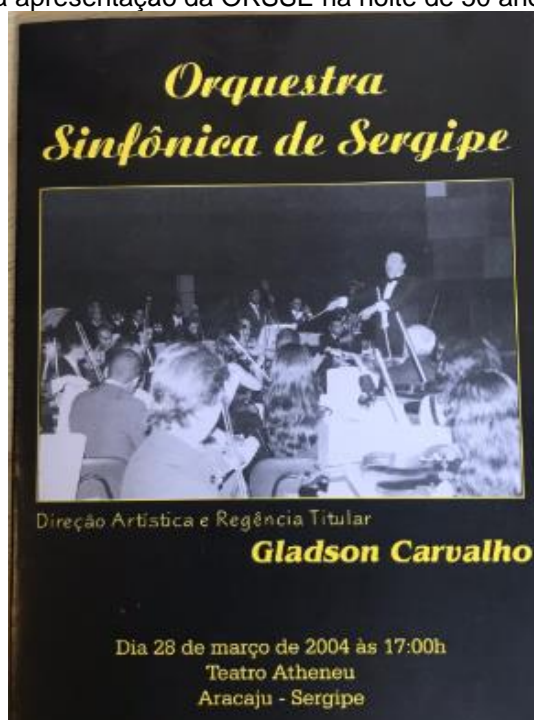
Figura 26- Capa e contracapa da cartilha em comemoração aos 50 anos do Teatro Atheneu. SECULT, 2004



Fonte: Biblioteca Pública Epiphânio Dórea

Para a noite em que o Atheneu comemorou cinquenta anos, foi apresentado um recital da Orquestra Sinfônica de Sergipe - ORSSE:

Figura 27- Folder da apresentação da ORSSE na noite de 50 anos do Teatro



Fonte: Biblioteca Pública Epiphânio Dórea

O Atheneu foi abrigo para as mais diversas manifestações artísticas. Exposições fotográficas, de artes plásticas, concertos, formaturas, shows, recitais, leituras dramáticas, eventos escolares e corporativos e, claro, peças de teatro utilizaram do seu palco para criar e realizar sonhos. Fazem parte da sua história o “Projeto Seis e Meia”, que mesclava apresentações de artistas de renome nacional com artistas locais, dando visibilidade a estes, o projeto “Prata da Casa”, que premiava músicos locais, o “SesCanção”, em vigor até hoje, que desde 1996 descobre novos talentos da música sergipana, o “Projeto Pixinguinha”, um dos mais importantes do cenário artístico nacional, o “MPB Petrobrás”, que, além de trazer apresentações de artistas nacionais a preços módicos, promove oficinas nas dependências do Teatro, o “Festival Sergipano de Artes Cênicas”, principal espaço de divulgação do teatro sergipano, as apresentações de encerramento das escolas de dança, que povoam o teatro de pais orgulhosos e lotam seus camarins, o “Projeto Escola”, responsável por, muitas vezes, estabelecer o primeiro contato de crianças com a arte, entre outros (Jornal Encenação, 1997; Infonet, 2007; ABREU, 2018; FONTES, I., 2018<sup>7</sup>; LINS, 2018; MARTINS, 2018).

<sup>7</sup> Irineu Fontes. Depoimento colhido em 26 de julho de 2018.



“Aracaju não seria o que é sem ter o teatro Atheneu como referência da cultura, da política, do processo civilizatório, para que as pessoas, pela via da arte, pudessem conviver dentro da cidade como cidadãos plenos”. Essa afirmação de Marcelo Déda (Agência Sergipe de Notícias, 2012) resume, em grande parte, o que se quer exhibir neste trabalho. A presença do Teatro na cidade não apenas entretém, embeleza, movimenta e dá vida, mas permite sensibilizar indivíduos por meio da arte, formando cidadãos.

Se o teatro contemporâneo subverte a caixa cênica, fazendo surgir o espaço físico no momento em que a ação teatral se desenvolve, “o edifício teatral, [...] no entanto, não tende ao desaparecimento: sua persistência como tema da arquitetura é determinada pela necessidade da existência de um espaço intenso e feroz, de ilusão, de metamorfose e encantamento” (ZILIO, 2010).

É importante lembrar que um Teatro pode ter um papel de difusão ou de criação. O primeiro abriga e divulga espetáculos já consolidados; o segundo, sedia processos de experimentação e promove meios para a sua concretização. Assim, a existência do Atheneu alimentou grupos artísticos locais e revelou não apenas atores, mas também músicos, declamadores, diretores e técnicos da carpintaria teatral, além de formar um público atento que, muitas vezes, teve no Atheneu a sua primeira experiência com as artes. Marcado pelos personagens, reais ou ficcionais, que passaram pelos seus corredores, o Atheneu também deixou marcas na história de muitas vidas e, certamente, deixa novas a cada dia.



## CAPÍTULO 4: O ATHENEU EM NOSSAS MEMÓRIAS

Às vezes me vejo rodeado pela presença de todos os teatros que foram construídos ou derrubados ou reerguidos nesta terra *brasílis*; todos reunidos numa ágora ideal, falando dos espetáculos que por lá transitaram, cada um querendo propor temas de discussão ou de polêmica, debatendo temas insolúveis de política de sobrevivência do cotidiano e universais... (RATTO In: SERRONI, 2012. p. 17)

Prática que remonta à mais antiga civilização humana, a passagem de saberes pela oralidade tem sido considerada, hoje, uma forma de produção de conhecimento, inclusive acadêmico. A historiadora Terezinha Oliva conta que “o conceito de documento ampliou-se no século XX de tal forma que, no final do século, os historiadores passaram a enfatizar a reflexão sobre a relação entre a história e a memória como questão fundamental do ofício do historiador” (OLIVA In ALVES, 2015. p. 43).

Sandy Soares, em 2010, já havia concluído que “grande parte das informações sobre o teatro sergipano encontra-se na história oral”, conclusão semelhante à que chegou Benevides, em 2015. Ambas as autoras, entretanto, chamam atenção para a fragilidade dessas informações, seja porque a memória não é linear, levando a idas e vindas nas narrativas dos sujeitos, seja devido ao esquecimento e à possibilidade de alteração de alguns fatos (SOARES, 2010; BENEVIDES, 2015).

Não obstante essa fragilidade exista, já que [...] “o documento oral, escrito, fotográfico ou de qualquer outro tipo, que está no arquivo sem ser utilizado pela pesquisa, constitui-se em um bem cultural ainda não conhecido, e, portanto, desprotegido” (THOMPSON, 2012 apud OLIVA In ALVES, 2015. p. 46), esta pesquisa colheu depoimentos de personalidades da cultura sergipana que tenham suas histórias vinculadas ao Teatro Atheneu, com o objetivo de registrar e dar visibilidade às memórias daquele espaço. As entrevistas foram conduzidas com base em questões semi-estruturadas, que, na maioria das vezes, eram respondidas pelos entrevistados antes mesmo de serem investigadas. Diversas personalidades ficaram de fora da pesquisa, seja pela dificuldade de contato, seja pelo pouco tempo hábil para desenvolvê-la. Esta pesquisadora, no entanto, pretende colher mais depoimentos em oportunidades futuras, no intuito de reunir o máximo de informações possíveis para a documentação da história do Teatro Atheneu.

Foram entrevistados os seguintes sujeitos: Aglaé Fontes, Chico Varela, Denys Leão, Irineu Fontes, Jorge Lins, Salete Martins e Valéria Abreu, escolhidos por

possuírem, em suas trajetórias, momentos marcantes no Teatro Atheneu. A pergunta condutora das entrevistas era: Na sua opinião, qual o papel do Teatro Atheneu para a arte sergipana? Além disso, os entrevistados foram questionados se consideravam ter uma ligação emocional com o Teatro, pergunta à qual todos responderam positivamente.

Eventos de diversos tipos se acumulam nas memórias trazidas pelo Atheneu. O ator e diretor teatral Denys Leão, que já foi iluminador e, posteriormente, diretor do Teatro, se emociona ao falar do espaço, emocionando também a pesquisadora que o entrevistava. Denys relembra espetáculos dos quais participou como ator, nos anos 1980, como “Era uma vez na Terra da Sombra Grande”, “A menina que queria voar”, “O dia que Zico virou Santo” e “Os Reis da Floresta de Cimento”, junto com o grupo Raízes: “Foi Jorge (Lins) que inventou”. Também relembra que no palco do Atheneu acontecia a Mostra Arlequim de Mármore, uma competição criada pelo SATED/SE e apoiada pela Universidade Federal de Sergipe, que servia de vitrine para artistas sergipanos. Dirigindo alunos do colégio Arquidiocesano que formaram o Grupo Arquibancada, Denys se orgulha de ter faturado vários prêmios.

Ex-aluno do Colégio Atheneu Sergipense, ele relata que começou a fazer teatro no próprio colégio, acompanhado pela cantora Joésia Ramos, ainda nos anos 1970, “nos tempos em que eram hippies”. Dono de um afeto visível pelo Teatro, Leão surpreende a si mesmo com a fluidez do seu depoimento: “Eu não pensei que ia lembrar de tanta coisa agora”. A entrevista com Denys Leão aconteceu em 16 de julho de 2018, dentro do Teatro Lourival Baptista, do qual é diretor.

Jorge Lins, diretor teatral que fez o primeiro convite a Leão e que até hoje revela talentos ao teatro sergipano, foi também o autor das peças acima mencionadas. Foi numa apresentação de Lins, embora não tenhamos sido capazes de recordar o nome da peça, que se deu o meu primeiro contato com o mundo do teatro, justamente no Teatro Atheneu, no início da década de 1990. Também foi sob direção de Jorge a minha primeira experiência como atriz de teatro, esta já no palco do Tobias Barreto. Em seu depoimento sobre o Atheneu, gravado no dia 23 de junho de 2018, no bar de sua propriedade, o Zodíaco, Jorge narra:

O Teatro Atheneu foi adaptado para teatro na gestão de meu irmão, Fernando (Lins), e eu tava diretor de divisão cultural. Então a gente fez todo um trabalho de revisão do espaço. Eu comecei a fazer teatro, eu descobri o teatro naquele espaço. [...] só que, por exemplo, não tinha sistema de iluminação. Quando a gente transformou de auditório pra teatro, o Teatro tinha uns holofotes desses de rua, que o pessoal colocava papel laminado, papel celofane, e dava cor.

[...] então era uma coisa muito amadora, a gente aprendeu a fazer luz, aprendeu a fazer teatro bem como laboratório mesmo.  
 [...] E foi uma coisa fascinante pra gente porque a gente tava sem espaço, há muito tempo que a gente vinha se apresentando na Biblioteca, no Conservatório de Música, em vários espaços alternativos. Por isso que na época, e isso é um fato interessante, surgiu tanto espetáculo de teatro de rua, porque você não tinha onde se apresentar.

Lins também relembra curiosidades acerca do Teatro, como a existência de uma casa de morcegos dentro do teatro, que também é mencionada pela diretora Salete Martins. O depoimento de Martins foi gravado no próprio Atheneu, em 11 de julho de 2018. Ela conta que, durante uma apresentação, um dos morcegos assustou o ator Gregório Duvivier, que deu um grito em cena. Por sorte, tratava-se de um espetáculo de humor. Salete, que foi aluna de teatro de Jorge Lins enquanto estudava no Atheneu Sergipense, rememora com carinho as apresentações das quais participou, no palco do Teatro que hoje dirige: apresentações de poesias, jograis, e a inesquecível coreografia de “Frevo Mulher”, concebida pelo grande professor e bailarino, Bosco Scaffs, de quem Martins também foi aluna.

Sobre aparições repentinas em cena, Valéria Abreu conta que em uma exibição do espetáculo “Um copo de cólera”, no qual se apresentavam os artistas locais Rosana Costa e Flávio Porto, a então faxineira do Teatro, d. Vera, determinada a varrer o palco, entrou no meio da cena e, ao dar-se conta, teve que se abrigar em uma casinha que havia no cenário. Valéria, que possui em seu acervo pessoal inúmeros documentos de quando era diretora do Atheneu, e que também foi diretora do Teatro Tobias Barreto, teve o seu depoimento colhido em 16 de agosto de 2018, em seu próprio apartamento. Ela também conta que, quando diretora, morava no edifício Graccho Cardoso, nas vizinhanças do Teatro, e, por isso, seus objetos pessoais contribuíram diversas vezes para as montagens das peças.

Um dos personagens mais citados entre as memórias do Atheneu é o maquinista Nestor Braz, o primeiro do Teatro. “Ele era maquinista, mas ele também era um excelente marceneiro”, relembra Aglaé Fontes (2018). Documentado no livro “Oxente, essa é a nossa gente”, de Osmário Santos (2004), Braz aparece como “o homem da chave” do Auditório do Colégio Atheneu: “Instalou palcos, rotundas, cuidou de iluminação, acompanhou gerações em todas as atividades teatrais no Estado, fazendo, além do seu especializado trabalho de maquinista, iluminação e cenário”. Braz também é citado no artigo de Oliva (2004):

Como esquecer a abnegação de Nestor Braz, o nosso vovô maquinista, cujo legado passou por Valtinho para chegar nas generosas mãos de



Além de figurar na lista acima, Irineu Fontes, o “Neu”, figura entre um dos grandes nomes da música e da cultura sergipanas, sendo, por isso, mais um dos entrevistados por esta pesquisadora. Ao ser perguntado sobre o Teatro Atheneu, Irineu recorda a primeira vez que entrou no Teatro, em 1968, quando tinha 8 ou 9 anos de idade, para assistir ao “Festival de Música da Canção”, o qual “Marco Aurélio ganhou com (a música) “A Cruzada””. Também menciona que o primeiro show que fez profissionalmente, o “Entre amigos”, foi no Atheneu, assim como foram lá as suas apresentações anteriores, com o grupo Raízes.

[...] Então tem toda uma geração; uma não, três, quatro gerações, foram forjadas na cultura no Teatro Atheneu. Não dá nem pra explicar qual é essa relação, ela é tão importante que não dá nem pra você mensurar qual é o tamanho disso para a cultura e pra arte sergipana. [...] O Teatro Atheneu é de suma importâncias pras artes, pra música, pro teatro, pra dança. [...] se o Teatro não existisse, não sei se a gente teria isso tão forte ainda hoje no Estado. **Essa é a casa, de fato, da arte e da cultura sergipana, o Teatro Atheneu.**

Ele conta que sua relação com o Teatro se dá como público, artista e também como gestor, já que foi um dos diretores do espaço, e lembra que trabalhou três meses como técnico de som de Bibi Ferreira, já que o seu técnico, quando veio a Aracaju para a apresentação de “Piaff”, foi acometido por uma hepatite. O encontro com Irineu Fontes aconteceu em 26 de julho de 2018, nas dependências da Secult-SE, já que, na ocasião, Fontes era o superintendente executivo da Secretaria.

É importante destacar que, ao serem questionados se o Atheneu oferece acolhida especial ao artista sergipano, todos os entrevistados responderam positivamente, com demonstrações de ligação emocional que podem ser resumidas pela comoção de Denys Leão e pela classificação de Irineu Fontes como “casa da arte e da cultura sergipana”, ambas já mencionadas. Assim, esta pesquisa também mostra que, sob o teto do Teatro Atheneu, o sergipano se sente acarinhado, seja em cima do palco, seja na plateia.

Personalidade singular na cultura sergipana, Aglaé Fontes foi a primeira entre os entrevistados a mencionar uma curiosidade que apareceu em diversos outros depoimentos, como o de Valéria Abreu, de Salete Martins e de Irineu Fontes. Conta Aglaé: “Ele (o Atheneu) tem um lençol freático no subsolo, então quando chovia a água chegava na segunda cadeira, enchia embaixo e extravasava pra cá. Aí resolveram colocar uma bomba, que jogava fora a água”. Localizada abaixo do palco, a bomba de escoamento mencionada existe até hoje,

assim como a necessidade de drenar o espaço em dias de chuva. O depoimento de Aglaé Fontes foi colhido em 25 de maio de 2018, em sua própria residência, e rendeu memórias que foram muito além do Teatro Atheneu.

Diversos foram os personagens rememorados entre os depoimentos reunidos para esta monografia. O já mencionado Caetano Quaranta, fundador do primeiro grupo de teatro do Atheneu, o TECES, foi fortemente lembrado por Francisco Carlos Varela, o Chico Varela, tantas vezes citado neste trabalho. Chico, que prefere ser citado por seu nome artístico e teve intensa participação no teatro sergipano da década de 1960, recorda Quaranta como nome fundamental ao teatro sergipano, e acrescenta: “Eu fui ator numas oito peças dele”. O depoimento de Chico Varela foi gravado em 03 de julho de 2018, em seu próprio apartamento. Fato interessante é que Varela reúne peças de arte do mundo inteiro, e fez questão de mostra-las antes de iniciar a entrevista, fazendo da tarde uma verdadeira degustação artística.

O ator, bailarino, encenador e professor do Atheneu Sergipense Bosco Scaffs também foi citado em alguns depoimentos, conforme já mencionado na fala aqui registrada de Salete Martins. A ele e ao seu método de ensino, a atriz Tetê Nahas dedicou o seu trabalho de conclusão de curso na licenciatura em teatro da UFS, intitulado “Teatro de Vanguarda em Sergipe: O método Bosco Scaffs” (SANTOS, 2010). Segundo Benevides (2015), “seus espetáculos eram provocativos e agregavam simbologias no espaço cênico e traziam um conteúdo inovador, ousado, de vanguarda”.

O produtor Nilton Lucas, a bailarina Lu Spinelli e o iluminador Mendes Filho também foram lembrados, e é interessante dizer que entre os entrevistados, alguns citaram a outros, mostrando, mais uma vez, sua importância dentro da história do Atheneu. Gilvan Bezerra, Nestor Braz e Jorge Lins receberam, inclusive, homenagens por sua dedicação à produção teatral, no Dia Mundial do Teatro, 27 de março, do ano de 2003, em cerimônia organizada pelo Sated/SE, no próprio Atheneu. Junto a eles, a figurinista Lânia Duarte, a dramaturga e atriz Virgínia Lúcia, o ator Vieira Neto, o dramaturgo e diretor Hunald Alencar e a atriz Tereza Prado, também já citada nesta monografia.

Durante este trabalho, as minhas memórias relativas àquele espaço também vieram à tona, como que justificando, em diferentes oportunidades, a escolha deste tema. Como já mencionado, foi no Atheneu que eu assisti ao primeiro espetáculo de teatro da minha vida, levada pela escola, aproximadamente aos cinco anos de idade.

Ainda sei cantar música do gigante que havia em cena, e, ao fechar os olhos, pareço estar diante dele. Também foi no Atheneu que eu assisti, ainda pequena, a diversos espetáculos de conclusão de ano da Studium Danças, escola na qual a minha irmã fazia aulas de balé. Os figurinos ricos, a expectativa pela coreografia em que ela estaria e o desejo de estar junto, me exibindo no palco, vivem na minha lembrança até hoje.

Naquele palco aconteceram as melhores apresentações de O Anjo Safado, comédia dirigida por Jorge Lins, em 2012, na qual eu contracenei com diversos talentos do teatro sergipano, desde os experientes Antônio Leite e Paulo Lobo, até atores de quem eu viria a ser colega no curso de Licenciatura da UFS. Muitos se tornaram amigos, fazendo a experiência ainda mais agradável. Espetáculos locais e nacionais também marcam as minhas lembranças, assim como tantas outras experiências, do cheiro de pipoca na porta do Teatro ao frio na barriga da coxa ao ouvir o terceiro sinal.

Figura 29- Cartaz publicitário da comédia O Anjo Safado, 2012



Fonte: Acervo pessoal.

O Atheneu faz parte da história da Tássia estudante, da Tássia cidadã e da Tássia artista. E não me restam dúvidas de que ainda viverei incontáveis emoções sob aquele teto, que já foi testemunha das minhas lágrimas e dos meus sorrisos. Um pouco daquele teatro mora em mim, como um pouco das minhas vivências moram nele, e assim acontece com tantas vidas que por ali passaram. Registrar um pedaço da sua história é uma honra. É preciso, pois, que mais e mais histórias vividas naquele

espaço sejam registradas, deixando claro, para quantas gerações vierem, o papel fundamental que o Atheneu exerce dentro da história de Sergipe, em especial da arte sergipana, demandando zelo, carinho e respeito.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a relevância do Teatro Atheneu para a arte e cultura sergipana seja bem reconhecida, não há trabalhos de cunho acadêmico que se dediquem a contar a sua história. É uma lacuna notável, considerando que o Teatro existe há mais de seis décadas, marcando o cenário cultural de Aracaju e as histórias de vida de boa parte dos seus habitantes. Logo, esta monografia se ocupa de elencar memórias que ajudaram a construir a história deste Teatro, dentro e fora das suas paredes.

O Teatro Atheneu surgiu de um desejo antigo, plantado na capital sergipana desde os primeiros anos da cidade. Assim, suas origens ficam estabelecidas numa referência à história do teatro em Aracaju, das casas de espetáculos que o precederam e do movimento cultural que já se realizava na capital. Com a emergência do Teatro, tanto esse movimento como o envolvimento da população com as artes tomariam outra amplitude.

Inicialmente concebido como Auditório do tradicional Colégio Estadual de Sergipe (hoje Atheneu Sergipense), o espaço pelo qual ansiava a sociedade sergipana abrigou desde eventos escolares a grandes nomes do teatro, da dança e da música, nacionais e internacionais. Sendo a casa de espetáculos mais antiga do estado de Sergipe ainda em funcionamento, o Atheneu continua acolhendo estrelas de renome, bem como cedendo o seu palco para revelar novos talentos das artes sergipanas.

Foi sob o seu teto o primeiro contato desta autora com o mundo do teatro, ainda na infância, e sobre o seu palco também eu pude construir belas memórias, que guardo com carinho. Logo, desbravar a história do Atheneu é, da mesma forma, honrar a sua importância dentro da minha própria história. Certamente isso impulsionou o trabalho de verdadeiro garimpo, que foi ir em busca das fontes de pesquisa, desde os documentos escritos, à iconografia, até à coleta dos depoimentos orais com os entrevistados. Sendo uma relevante instituição pública, sob gestão do governo estadual, o Teatro Atheneu deveria suscitar maior cuidado dos gestores no que concerne à preservação da sua história.

Segundo Terezinha Oliva (In: ALVES, 2015, p. 48),

a eficácia de uma política pública para a cultura passa não só pelo desenvolvimento de instrumentos de preservação dos bens culturais, mas pela organização e acessibilidade das informações coletadas e avaliação dos resultados. No caso do patrimônio documental, a instalação de bases de dados, as exposições, os seminários, as publicações, entre outros, impõem-

se como meios necessários, uma vez que a acessibilidade e a divulgação podem garantir a sua proteção.

Dessa forma, é necessário buscar meios de preservação e disseminação do patrimônio cultural sergipano como um todo, incluindo seus edifícios, seus grupos artísticos, seus eventos e suas tradições, como resultado de uma política pública de cultura, para que os registros não fiquem apenas nas lembranças dos sujeitos, mas possam ser organizados, protegidos, divulgados e, especialmente, mais valorizados.

Embora, como visto no capítulo 3, tenha havido tentativas de realização de eventos e publicações em respeito à memória do Atheneu, estas não chegaram a prosperar, constituindo-se em eventos esparsos. Bem assim, não se concretizaram políticas efetivas de proteção à história da casa, como a organização de um arquivo próprio, a divulgação dos fatos e documentos que constroem essa memória e mesmo uma constante e eficiente manutenção de sua estrutura física e equipamentos. Exposições, visitas guiadas, seminários e oficinas que exibam e debatam os fatos que compõem tais memórias, bem como políticas de proteção aos grupos artísticos sergipanos, poderiam ser de grande valia na propagação da história desse teatro, ao passo que construiriam novas memórias enquanto se realizassem.

Vale ressaltar a importância não apenas de salvaguardar e manter em boas condições os documentos referentes à vida do teatro, mas também de permitir o acesso aos mesmos, haja vista a grande dificuldade encontrada por esta pesquisadora, ao depender da disponibilidade de seus guardiães, os quais, por sua vez, desconheciam por completo o acervo documental escondido nos empoeirados armários do Teatro.

Além disso, é salutar incentivar, em meio aos estudantes e professores de artes, história, arquitetura, educação e áreas afins, a produção de trabalhos que tenham como foco esse patrimônio cultural, gerando publicações que deem voz às gerações que o construiu e permitindo, às novas gerações, conhecer e, por conseguinte, valorizar a sua riqueza. Trata-se do direito à memória, que diz respeito não somente às vozes silenciadas pelo descaso, mas igualmente ao direito ao conhecimento dessas vozes para gerar um sentido de pertencimento, que é o verdadeiro protetor da memória. Este trabalho, pois, reconhece a escassez de estudos neste sentido, e espera servir como base para novas e mais aprofundadas pesquisas a respeito das artes em Sergipe.

Respeitar a história do Teatro Atheneu é, principalmente, fazê-la conhecida, é destacar a sua interação com a cidade, o seu papel de difusor de bens e eventos que, muitas vezes, fizeram o intercâmbio da cena cultural sergipana com o mundo exterior e é, principalmente, vê-lo como “palco-casa da arte sergipana”.

Se os sentimentos abrigados por esta Casa são indescritíveis a ponto de Luiz Eduardo Oliva (2004) ter declarado que não há historiador capaz de escrever a história do Atheneu, revelando a sensação de que não haveria história capaz de captar as emoções por ela provocadas, que, então, se escreva parte dela, respeitando a história dos artistas e das pessoas comuns que por ali passaram, dos personagens que ganharam vida dentro da sua caixa cênica, das trilhas sonoras ali executadas, do público que se emocionou, dos homens que o conceberam e da população que, desejando ter um espaço no qual pudesse ser livre para viver momentos de fantasia, teve neste Teatro, um sonho realizado.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Adênia Santos; BRITO FILHO, José de Oliveira. A Paisagem Urbana de Aracaju a partir das ruas João Pessoa e Laranjeiras. In: VI COLÓQUIO INTERNACIONAL: “EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE”, jul. 2012. Anais [...]. São Cristóvão: 2012. Disponível em: [http://educonse.com.br/2012/eixo\\_19/PDF/9.pdf](http://educonse.com.br/2012/eixo_19/PDF/9.pdf). Acesso em: 21 jul. 2018. 15:35

ALVES, Eva Maria Siqueira. **Entre papéis e lembranças: O Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense e as contribuições para a História da Educação.** Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe – Edise, 2015. 172p.

ALVES, Eva Maria Siqueira. **O Atheneu Sergipense: traços de uma história.** Aracaju: ADGRAF Gráfica e Editora, 2005. 148p.

ARAÚJO, Elisângela Rodrigues da Silva; FRANÇA, Klaydson D. Lopes; ARAÚJO, Ernani Carlos de; SOUZA, Henor Artur de. **A restauração do Teatro Municipal de Ouro Preto – MG.** Revista Escola de Minas, vol.62, no. 3, Ouro Preto jul./set. 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0370-44672009000300018>. Acesso em: 20 ago. 2018. 18:11

BARRETO, Armando. Cadastro industrial, comercial, agrícola e informativo de Sergipe – 1938. Disponível em: <http://aracajuantigga.blogspot.com/2010/05/cinemas-de-aracaju.html>. Acesso em: 15 nov. 2018. il.

BARRETO, Luiz Antônio. **Estrangeiros em Aracaju I.** 2005. Disponível em: [http://clientes.infonet.com.br/serigysite/ler.asp?id=3&titulo=Estrangeiros\\_Sergipe](http://clientes.infonet.com.br/serigysite/ler.asp?id=3&titulo=Estrangeiros_Sergipe). Acesso em 15 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. **Escolas e Jornais destacando a Capital.** 2005. Disponível em: [clientes.infonet.com.br/serigysite/ler.asp?id=18&titulo=Aracaju150anos](http://clientes.infonet.com.br/serigysite/ler.asp?id=18&titulo=Aracaju150anos). Acesso em: 15 mar. 2018.

BICALHO, Poliana Lima. **O Edifício Teatral como Espaço Artístico-Pedagógico: A Práxis da Mediação Cultural no Teatro Sesc-Senac Pelourinho**. 2016. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Programa da Pós-Graduação em Artes Cênicas, Escola de Teatro e Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/23644>. Acesso em 5 mar. 2018. 14:08

BORGES, Caroline Loureiro. Lindolfo Amaral e o ensino de teatro em Aracaju. Laranjeiras: 2013. Disponível em: [https://www.ri.ufs.br/bitstream/riufs/6901/2/Caroline\\_Loureiro\\_Borges.pdf](https://www.ri.ufs.br/bitstream/riufs/6901/2/Caroline_Loureiro_Borges.pdf). Acesso em 14 ago. 2018. 16:02

CABRAL, Mário. Aracaju cultural em 1940. **Revista da Academia Sergipana de Letras**, Aracaju, n. 27, mar 1980.

CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju**. 3. ed. Aracaju: Banese, 2002.

CALASANS, José. **1915-2001**. Aracaju e outros temas sergipanos. – 2. Ed. – São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2013

CARVALHO, Sueli. **Teatro Sergipano I, II, III**. In Aracaju Magazine, Aracaju - SE. Nº 35, 36 e 37. Maio a Junho de 1999.

CHOU, José Walter Teles. Aracaju: Imagem, memória e apropriação. In: FRANÇA, Vera Lúcia Alves; FALCON, Maria Lúcia de Oliveira. **Aracaju: 150 anos de vida urbana**. Aracaju: PMA/SEPLAN, 2005, 236 p

COMUNICAÇÃO, Assessoria de. Uma Entrevista Repleta de Alegria e Emoção com os Ex-Professores Caetano e Liomar Quaranta. **Colegas do Atheneu**. 2018. Disponível em: <http://colegasdoatheneu.com.br/2018/10/03/uma-entrevista-repleta-de-alegria-e-emocao-com-os-ex-professores-caetano-e-liomar-quaranta/>. Acesso em 14 fev. 2019.

CORREA, Suyenne. **Enfim, um Novo Teatro Atheneu!!!**. 2012. Disponível em: <http://bangalocult.blogspot.com/2012/03/enfim-um-novo-teatro-atheneu.html>. Acesso em: 12 abr. 2018. 15:03

CRUZ, Jeferson Augusto da. **Uma mão de verniz sobre o Tabuleiro de Pirro: Ecos da Belle Époque em Aracaju (1918-1926)**. 2016. 192 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/1376>. Acesso em: 28 mar 2018.

DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira. **Esporte e espetáculo na modernidade aracajuana: os clubes esportivos como instituições educativas (1909-1918)**.

FONTES, Ilma. Crônica – Teatro aqui e ali. In: **Revista Aracaju Magazine**, n. 37, vol. A.III, 1999.

FORTES, José Bonifácio. **Evolução da paisagem humana da cidade do Aracaju**. Aracaju: Regina, 1955.

FRANCO, Josevanda Mendonça. Educação pública em Sergipe: dos primórdios ao Atheneu “Pedro II”. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju, v. 2, nº 47, 2017.

INFONET. Teatro Atheneu comemora 54 anos com “Leitura Dramática”. 2008. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/cultura/teatro-atheneu-comemora-54-anos-com-leitura-dramatica/>. Acesso em: 1 mar. 2018. 21:04

\_\_\_\_\_. Apresentações do Prata da Casa começam nesta segunda. 2007. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/cultura/apresentacoes-do-prata-da-casa-comecam-nesta-segunda/>. Acesso em: 20 ago. 2018. 18:50

LEÃO, Raimundo Matos de. **História do Teatro: oito aulas da Antiguidade ao Romantismo**. Salvador: Edufba, 2014.

MELINS, Murillo. **Aracaju romântica que vi e vivi: Anos 40 e 50**. Aracaju: UNIT, 2000.

NUNES, Maria Thétis. O auditório do Atheneu completa 50 anos. In: SECULT – Secretaria de Estado da Cultura. Teatro Atheneu. Emocionando há 50 anos. 2004.

OLIVA, L. E. Coluna “Ponto de Vista”. **Opinião**. Aracaju, ed. 53., 12 set. 2004

OLIVA, Terezinha. O silêncio do Atheneu. **Correio de Sergipe**, 2017.

PATRIOTA, Rosangela. A escrita da história do teatro no Brasil: questões temáticas e aspectos metodológicos. In: **História (São Paulo)**, v.24, n.2, Franca, 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742005000200004>. Acesso em: 18 jul. 2018.

SANTOS, Osmário. **Oxente! Essa é a nossa gente**. Aracaju: Editora Ós, 2004.

SECRETARIA de Estado da Comunicação Social. **Governador entrega novo Teatro Atheneu**. 2012. Disponível em: <https://senoticias.com.br/se/governador-entrega-o-novo-teatro-atheneu/>. Acesso em: 15 nov. 2018. 22:19

SECRETARIA de Estado da Cultura e do Meio Ambiente. Relatório Nos Caminhos da Cultura. 1988-1991. Sergipe

SECRETARIA de Estado da Cultura. **Teatro Atheneu**. Disponível em: <http://www.teatroatheneu.se.gov.br>. Acesso em: 12 fev 2018. 23:01

SECRETARIA de Estado da Cultura. **Teatro Tobias Barreto**. Disponível em: <http://www.ttb.se.gov.br/>. Acesso em: 20 fev 2019. 19:00

SOUZA, José Melchíades; COSTA, João. A Sociedade de Cultura Artística de Sergipe (SCAS). In: **Revista de Aracaju**. Aracaju, Prefeitura Municipal, ano 43, n.8, p. 25-27, dez. 1985.

TEATRO Atheneu. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao204261/teatro-atheneu>. Acesso em: 26 fev. 2019. 14:35

TEATRO Atheneu passa por reformas e adequações. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura, 2017. Disponível em: <http://cultura.se.gov.br/index.php/2017/11/23/teatro-atheneu-passa-por-reformas-e-adequacoes/>. Acesso em: 12 set. 2018. 16:58

TELES, Sheila dos Santos. **Cine Teatro Rio Branco (1825-2003): um patrimônio transformado em escombros**. São Cristóvão, 2004. 68p.il.

TORRES, Anne Samara; TEIXEIRA, André. **O Teatro Sergipano Apresenta Sua História**. 2010. Disponível em: <https://empautaufs.wordpress.com/2010/05/08/o-teatro-sergipano-apresenta-sua-historia/>. Acesso em: 15 mar. 2018. 20:40

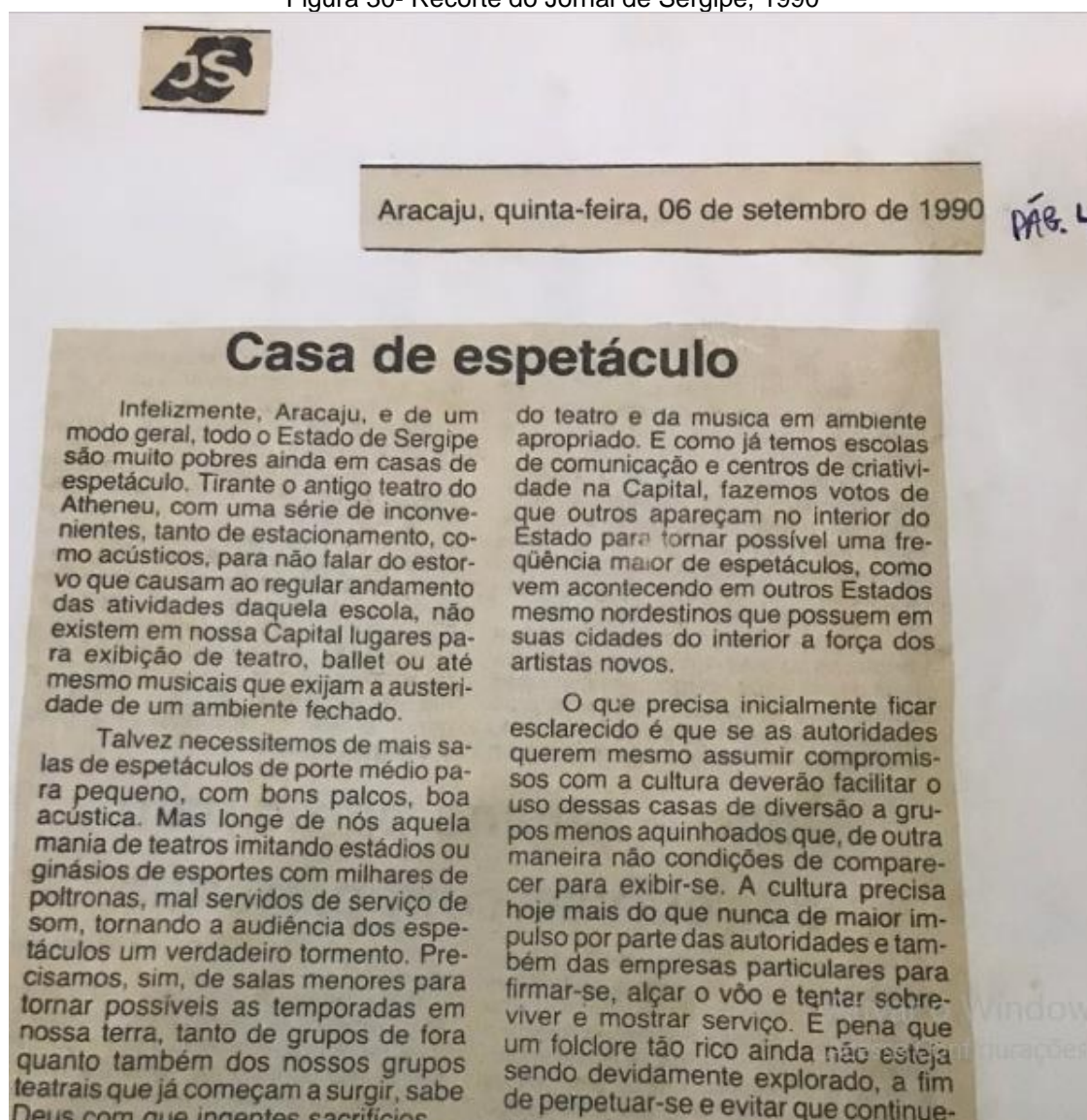
VARELA, Chico. Recital sem Opus. In: **Revista Cumbuca**. Aracaju Ano IV, nº 11, jul. 2016, p. 30-47.

ZILIO, Daniela Tunes. **A evolução da caixa cênica transformações sociais e tecnológicas no desenvolvimento da dramaturgia e da arquitetura teatral**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, n. 27, p. 154-173, 1 jun. 2010.



## ANEXOS

Figura 30- Recorte do Jornal de Sergipe, 1990



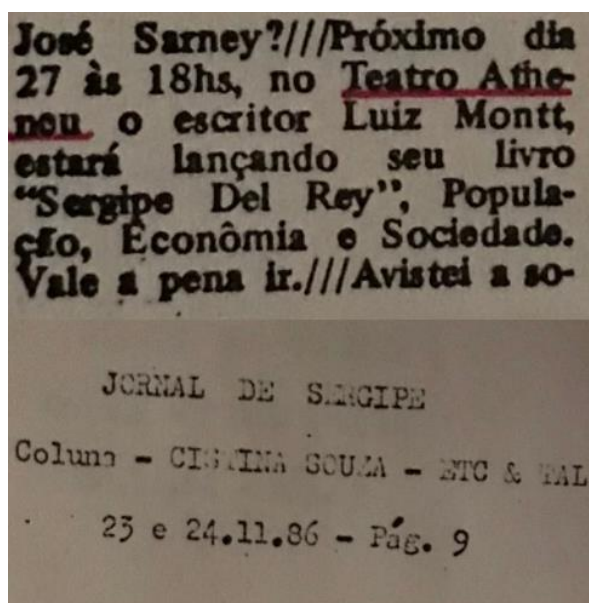
Fonte: Arquivo Público Municipal

Figura 31- Recorte do Jornal de Sergipe, 1989



Fonte: Arquivo Público Municipal

Figura 32- Recorte do Jornal de Sergipe, 1986



Fonte: Arquivo do Teatro Atheneu



Figura 33- Recorte do jornal Gazeta de Sergipe, 1988



Fonte: Arquivo do Teatro Atheneu

Figura 34- Recorte do Jornal da Manhã, 1988



Fonte: Arquivo do Teatro Atheneu

Figura 35- Recorte do Jornal Gazeta de Sergipe

**GAZETA DE SERGIPE**  
Aracaju, terça, 14 de outubro de 1986, pág. 04

## "Adorável Rogéria" hoje e amanhã, no T. Atheneu

Finalmente, para alegria do seu grande público e desespero dos pseudo-moralistas de plantão, o Teatro Atheneu recebe hoje em seu palco, uma grande artista do chamado vaudeville, ou teatro popular: Rogéria.

O show chama-se "Adorável Rogéria" e, segundo a artista, o título é uma homenagem especial à atriz Marília Pêra. E pretende resgatar um público que, embora cativo, chegou a se afastar um pouco de sua estrela, enquanto esta se dedicava a produções mais elitistas, que não agradaram a crítica a deixaram sua conta bancária a zero.

Rogéria conta que, de repente, percebeu que não ganharia mais nada em montar peças difíceis, como "Orquestra de Senhoritas", que exigem uma plateia mais selecionada mas não compensam financeiramente. Peças que a deixavam famosa, mas distante do grande público, "com a caixa de arrecadação vazia", de tanta percentagem para pagar, e pensando no BNH".

**ESPETÁCULO LÉVE**  
"O teatro é maravilhoso, mas nem sempre te dá o desejado". Foi com esse pensamento na cabeça que Rogéria teve a idéia de montar um espetáculo mais leve, de entretenimento, que agradasse a gregos e troianos... "Sem perder - garante a artista - "em luxo, beleza e produção".

Rogéria explica: "Resolvi fazer um show em que as mulheres pudessem ver roupas lindíssimas e em que eu, além de brilhar, pudesse também recolher financeiramente os frutos do trabalho, porque sem o vil metal a gente não vive. Paguei toda a produção antes de começar a temporada, para não ficar tendo que dar percentagens a uns e outros, selecionei apenas mais três atores transformistas para me acompanhar, vesti todos luxuosamente e consegui um espetáculo lindo, que resgata o charme, a elegância a educação que sempre me foram atribuídos".

"Adorável Rogéria", estreia hoje, às 21 horas.



Rogéria é isso aí: charme, elegância, descontração e sobretudo honestidade. Como todo artista que se preza.

Fonte: Arquivo do Teatro Atheneu

Figura 36- Recorte do Jornal da Manhã, 1986

**GERAL**

## Encontro de Corais de SE será encerrado hoje

Será encerrado neste domingo no Teatro Atheneu, o II Encontro Sergipano de Corais numa promoção da Universidade Federal de Sergipe, antecipando-se assim, às manifestações artísticas do XV Festival de Arte de São Cristóvão (24 à 26 de outubro). Segundo os organizadores do Encontro, é o XV FASC acontecendo num tempo melhor, num espaço que inclui Aracaju e que contará com a participação de corais locais e de outros estados.

A abertura oficial ocorreu na última sexta-feira, com a apresentação do Coral da Universidade Federal de Sergipe, logo em seguida o Coral Pio X, Coral Des. Luiz C. Fontes de Alencar, Petrocoral, Sescoral, (Aju), Coral Hermeto Pascoal (Arapiraca/Al), Madrigal de Fortaleza (Fortaleza/Cel), Coral Roda Viva (Olinda/Pel), Coral da Universidade Federal do Espírito Santo (Vitória/ES), e Coral Corda Vocal (Bejo Horizonte). Ontem, a programação contou com: Coral do Conservatório de Música, Coral dos Empregados da Nitrofertilizante e Coral Inconfidência (Aju), além do Coral Madrigal da Escola de Música da UFRN (Natal), Coral Artium Suprema (Maceió), Coral São Pedro Mártir (Olinda/Pel), Coral Céu da Boca (Campina Grande/Pb), Coral Universitário da Paraíba "Gazal de São João Pessoa", Coral Guilherme de Azevedo Lage (B. Horizonte), Coral da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques (Rio de Janeiro).

Finalmente, hoje haverá a apresentação dos Pequenos Cantores do Tiradentes, Coral Vozes de São (Aju), Coral Corêba, Coral da Fundação Cultural da Bahia (Salvador/Ba), Coral N. S. do Amparo (Teresinha/Pi), Coral Lella do Carmo (Vitória/Es), Coral Corda Vocal (Belem), Coral da Faculdade de Medicina da UFMG (B. Horizonte), e para o encerramento do evento a apresentação do Madrigal da Universidade Federal de Sergipe.

Fonte: Arquivo do Teatro Atheneu

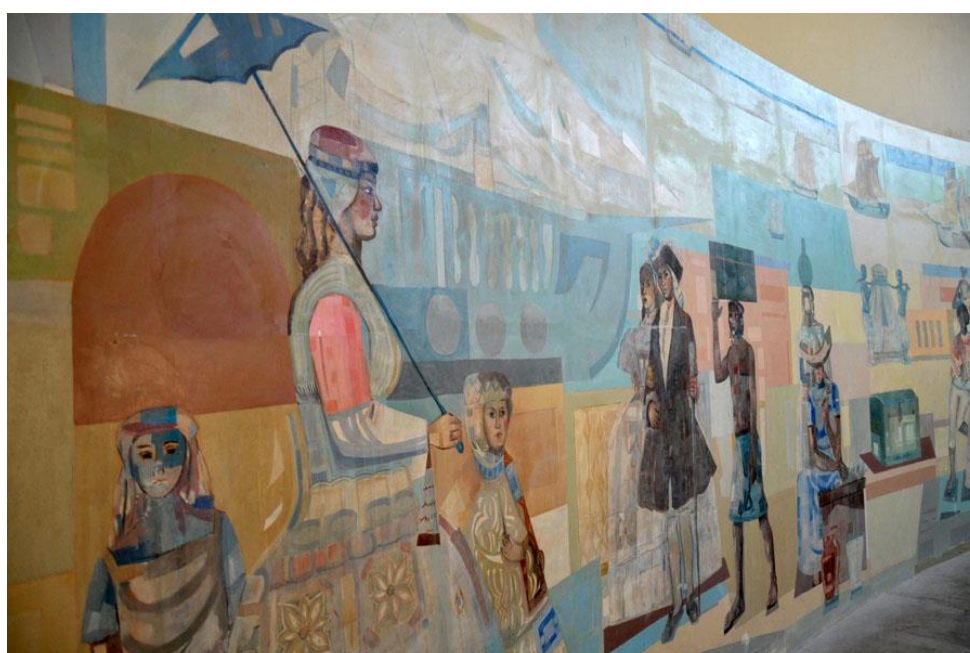


Figura 37- Recorte do Jornal da Manhã, 1990



Fonte: Arquivo do Teatro Atheneu

Figura 38- Paineis de Jenner Augusto no hall do Teatro Atheneu



Fonte: Instituto Marcelo Déda